

Academia das Ciências de Lisboa

BIBLIOTECA DE ALTOS ESTUDOS

**ALGUNS ASPECTOS
SOBRETUDO LITERÁRIOS**
DO
MODERNO NACIONALISMO ALEMÃO

PELO

DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS

Senador h. c. da Universidade de Colónia
(Alemanha)

*Lições proferidas em 11 e 13
de Abril de 1934.*



LISBOA

1934

~~Sala 4
Est. 7
Tab. 116
N.º 22~~

ALGUNS ASPECTOS,
SOBRETUDO LITERÁRIOS,
DO
MODERNO NACIONALISMO ALEMÃO

Academia das Ciências de Lisboa



BIBLIOTECA DE ALTOS ESTUDOS

**ALGUNS ASPECTOS,
SOBRETUDO LITERÁRIOS,
DO
MODERNO NACIONALISMO ALEMÃO**

PELO

DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS

Senador h. c. da Universidade de Colónia
(Alemanha)

*Lições proferidas em 11 e 13
de Abril de 1934.*



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
RUBRICO DE CARVALHO

RC
MNCF
32
RAM



3.304

LISBOA

1934

Academia das Ciências de Lisboa

BIBLIOTECA DE ALTOS ESTUDOS

ALGUNS ASPECTOS,
SOBRE TUDO LITERÁRIOS,

do
MODERNO NACIONALISMO ALEMÃO

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE — 1934



LISBOA

1934

MINHAS SENHORAS:

MEUS SENHORES:

Tendo a honra de falar hoje nesta sala de tradições gloriosas, reconheço que é espinhoso perante assembleia tão douta e num recinto consagrado à investigação da verdade, versar assuntos, em parte de feição política, sem correr o risco que procurei aliás evitar o mais possível, de descer a uma fraseologia vulgar, tolerável, ou mesmo adequada, ao dirigirmo-nos a classes menos cultas, mas imprópria, quando nos escuta um auditório ilustre, como o que aqui se encontra.

O estudo que vou ler-vos, intitulado — *Alguns aspectos sobretudo literários, do moderno nacionalismo alemão* — distribui-se pelos quatro capítulos seguintes:

- I. *Moeller van den Bruck e Ernst Jünger.*
- II. *Spengler e Winnig.*
- III. *Thomas Mann e Ernst v. Salomon.*
- IV. *O nacional socialismo. Seus reflexos culturais.*

Quando outro interêsse não tenha, terá o da actualidade: nesta época de renovação política, parece-me vantajoso conhecer o exemplo alemão, pois dêle poderemos colhêr alguns ensinamentos úteis e valiosos.

A largos comentários, afigurou-se-me preferível referir os testemunhos dos autores, em que o sentimento nacionalista se manifesta com maior elevação e apresentar algumas das realizações mais fecundas da nova situação política da Alemanha nos domínios da literatura, da educação e do ensino.

A história faz-se com documentos. Antes de mais, procuremos conhecer os factos, para que por ventura nos não suceda o percalço de nos deixarmos levar por informações pouco seguras e menos exactas.

I

Moeller van den Bruck e Ernst Jünger

Pode fixar-se à volta de 1920, a data aproximada, em que a palavra *nacionalismo* começou a ser empregada na língua alemã, no seu actual sentido político. Anteriormente, pouco significado tinha; era um termo odiado, ou pelo menos, pouco simpático à sociedade burguesa que muitas vezes se defendeu de ser chamada nacionalista. O sentimento nacional parecia-lhe uma exacerbação de cérebros exaltados que prejudicava os interesses burgueses. Só no tempo das lutas na Alta Silésia e no Ruhr, esta palavra foi dada como nome de honra a alguns homens e grupos que de origem e ideologias muito diferentes, contribuíram para o estabelecimento de um estado de coisas, com o qual nada tinham.

Quando terminou o período dos atentados e das tentativas de golpes de estado, começaram a delinear-se as linhas de uma nova concepção do Estado, no qual eram compreendidas como realidades

políticas, a autoridade e a liberdade, o poder e a honra da Nação, a coragem e o espírito de sacrifício, o dever e a camaradagem, expressão da vontade de viver e estímulo espiritual (*geistiger Drang*) duma época futura. Puseram-se de parte considerações de ordem sentimental; transportou-se o sentimento da vida que Jünger classificara de *realismo heróico*, a tôdas as manifestações políticas, científicas e económicas da Nação; empregaram-se os meios do espírito e da fôrça física, para dominar a idea do estado formal democrático, a que se attribuía a responsabilidade da ruína do Reich.

Se a Alemanha oficial voltou às concepções de antes da Guerra ou ao ideal de 1848, houve todavia elementos que reconheceram que se operara uma mudança completa nos espíritos.

Foram no círculo dos combatentes, em primeiro lugar Ernst Jünger, como no domínio político Artur Moeller van den Bruck, os corifeus desta reacção. Um e outro se distanciaram dos partidos, procurando um novo ponto de vista, o terceiro ponto de vista que se afastasse igualmente das opiniões da direita e da esquerda. Êste nacionalismo nada tem que ver com o conservantismo anterior, com a reacção burguesa, ou com o patriotismo da era guilhermina(1): a sua origem é a Guerra que

(1) «O patriota de molde antigo, define-o Kohn, como um fabricante de discursos que terminam com três hurras, ou como ouvinte persistente e comovido das orações dos

revolucionou a economia e estabeleceu nova tábua de valores (1).

outros, quando lhe falta o talento retórico; no fundo boa pessoa, amigo de exterioridades, cumpridor dos seus deveres eleitorais, romântico, sem sentido das reais necessidades políticas, prêso aos bons e velhos tempos, admirador de Bismarck, mas cujo afastamento viu sem protestos, para o qual os conceitos de povo e nação pouco significado têm, verboso, mas incerto nas suas convicções íntimas...» (Vid. *Der Patriot*, in — *Aufstand*, Berlin, Brunnen — Verlag Willi Bischoff, págs. 46-52).

(1) «As raízes do nacional socialismo, escreve Ernst Röhme, encontram-se nas trincheiras da Grande Guerra. Um acontecimento de tal grandeza e conseqüências não podia deixar de alterar profundamente a alma humana. As provas por que passou o soldado, sujeito à fome e à sede, à chuva e à neve, aos maiores perigos e até à morte, arrancaram-lhe tôdas as máscaras, levaram-no a revelar-se como êle realmente era, deixando que os seus pensamentos seguissem por si o seu caminho, sem quaisquer tergiversações ou respeitos estranhos. Por isso, *Soldatentum* significa uma atitude de espírito, como *nacional-socialismo* uma nova concepção do mundo. Não é por acaso que Hitler e Mussolini, chefes nacionalista e fascista, tenham sido soldados, ao contrário dos dirigentes bolchevistas, nenhum dos quais se bateu pela pátria. O bolchevismo não brotou, pois, da mesma fonte que nós; só podia nascer num povo desmoralizado pela derrota, enraivecido ou embotado pela miséria e pela desgraça. Abriu-lhe o caminho o génio do mal, o espírito da destruição, da luta fratricida, a orgia sanguinária do ódio...» (Vid. Röhme-Warum S... artigo em *Nationalsozialistische Monatshefte*, fasc. 46, pág. 509, München, Verlag Fz. Eher. Nachf. g. m. b. H.

As grandes organizações que reúnem os seus partidários, sob a divisa nacional, são de muitas origens; vieram de caminhos vários: as suas fontes encontram-se na idade média alemã, à qual van den Bruck foi buscar o termo *drittes Reich*; no romantismo alemão; na concepção do *Volksgeist* de Herder e no movimento de renovação espiritual que com Nietzsche, George e Klages, tanto influenciou a moderna geração nacionalista. Certos sectores do actual movimento prenderam-se mais a Wagner, Chamberlain e Gobineau: uns eram anti-semitas declarados; outros viam no progresso das raças de côr uma ameaça à civilização do ocidente.

A-pesar-da divergência de ideas entre os diferentes grupos nacionalistas, há um elo que a todos prende, uma aspiração que a todos une: para êles a Nação é a realidade viva; só tem valor objectivo o povo na sua unidade de sangue e cultura, terra e missão. O nacionalismo, como é de esperar, apresenta no seu início a incerteza das ideas, característica dos movimentos novos; os laços que unem os primeiros nacionalistas não são de natureza espiritual, mas elementar. As ideas, como os actos, são manifestações, símbolos de uma realidade mais viva e mais profunda. Esta attitude realista implica a vontade de viver de uma nova época, penetra no Estado, na economia e na concepção do mundo.

De comêço, ao nacionalismo faltava uma ideologia, um sistema de ideas, ao contrário do marxismo e de outras concepções racionalistas. Não havia

programa, doutrina, mas sim vontade e acção. E como o nacionalismo se refere a uma comunidade natural e não espiritual, o intellecto desempenha nêle o papel duma função; não é a sua essência (Jünger). O que o domina é o critério prático; definições de nacionalismo são apenas palavras, a que só a vida dá sentido. Como fenómeno político, o nacionalismo abrange para Jünger o Estado alemão na sua unidade e tem o seu aspecto nacional e social, de defesa e autoridade. As oposições tradicionais parecem-lhe tão estéreis, como as côres das bandeiras *schwarzweissrot* e *schwarzrotgold*, como socialismo e capitalismo, cujo antagonismo fundamental desaparece na unidade superior da Nação.

A orientação nacionalista define-se nas afirmações seguintes de M. van den Bruck, muitas das quais tomaram o carácter dogmático, bíblico: «uma nação é uma comunidade de valores em contínua evolução (*Wertungsgemeinschaft*) e o nacionalismo a consciência dêsse processo evolutivo; viver na consciência da Nação chama-se viver na consciência dos seus valores e história; o nacionalismo compreende as nações pela missão que lhes compete, pela opposição entre os povos e a cada um dêles atribui a sua função especial; é de certo modo universalista e dirige-se a todo o europeu».

Dentre os escritores que versam os grandes problemas políticos e sociais da actualidade e que dizem respeito não só à Alemanha, mas a todos os povos, é, sem dúvida, M. van den Bruck um dos

mais penetrantes e geniais, tanto pela grandeza das concepções, como pela linguagem atraente, animada que mantém o leitor em interêsse constante pelo assunto. Da sua vasta produção, a obra que mais decisiva influência exerceu na geração moderna, é *Das dritte Reich* (1).

O *Terceiro Reich* é o *Reich* que van den Bruck idealiza e deverá seguir-se ao segundo *Reich*, àquele que Bismarck criou e se afundou com a Guerra. Escrito quando as teses de Spengler da *Decadência do Ocidente* estavam no seu apogeu, não fechando os olhos à decadência espiritual e política presente, reconhece que o mundo interior possui a mesma vontade de expansão, a crença no imprevisito (*unvorhergesehene*) que pode alterar a marcha das coisas. Por isso, as catástrofes históricas deram ao homem novas possibilidades para uma nova vida que abre com poder criador o caminho para o futuro.

Podendo ser pela educação um céptico, não se deixou levar pelo relativismo da época; atribui na marcha dos acontecimentos um papel decisivo à confiança em si, à vontade de actuar e às possibilidades do espírito humano, fonte inesgotável de realizações. Os países, em que exemplifica êste mundo, são a Prússia, a Itália e a Rússia: nêles vê os precursores do novo estado de coisas europeu;

(1) *Moeller van den Bruck, Das dritte Reich, 3 Auflage, Hamburg, Hanseatische Verlagsanstalt, 1931.*

nas suas experiências o explosivo que há-de atear as energias do presente. Muitas das fórmulas adoptadas em jornais, discursos políticos, programas etc., tais como a fôrça para viver no meio das oposições; o reconhecimento de que o liberalismo conduz os povos à ruína; a nacionalização do socialismo, o conservantismo revolucionário, tudo isso são ideas de van den Bruck expressas com maior ou menor fidelidade. Os nacionais-socialistas acorreram ao apêlo do *Terceiro Reich*. A associação *Oberland* deu êsse nome ao seu jornal; os conservadores populares (*Volkskonservativen*) justificaram a sua posição com citações de van den Bruck; o círculo em volta de *Zehrer* em *Die Tat*, sentiu a sua influência decisiva.

Moeller van den Bruck verificou que a Guerra não foi ganha militarmente: pela técnica, pelo espírito de disciplina, a Alemanha seria invencível.

Foi vencida politicamente, porque a consciência nacional não estava formada, porque ao trabalhador não foi dado o lugar que de direito lhe pertencia na nação alemã. A revolução de Novembro de 1918 não foi uma revolução verdadeira. A revolução e a república não produziram nenhum génio (1). Limitaram-se a fazer uma revolução parlamentar, à moda do ocidente, segundo o modelo inglês-francês.

(1) Alfredo Kames classifica a revolução de 1918 de motim da mediocridade (*Meuterei, Aufruhr der Minderwertigkeit*). Vid. «Weimar als Mittel», in-*Aufstand*, pág. 88.

Os tempos, porém, não eram os de 1648 e 1789. O povo pedia justiça, mas essa não lhe foi proporcionada, pois não poderia haver justiça para os homens, enquanto não fôsse dada aos povos. Os homens só podem viver, quando os povos têm condições de existência.

Contando com a crescente radicalização da vida alemã, procura chamar os indivíduos de campos diferentes e uni-los por uma vontade comum de obediência; preconiza um socialismo, a que chama conservador-revolucionário que seria realizado na Prússia, onde os reis já tinham feito uma revolução social, vinda de cima; os seu pensadores aconselhado à coroa um socialismo-conservador e homens de Governo, como Stein, empreendido na derrota a reforma do Estado, como arma política contra o inimigo.

«Só o que pode servir de exemplo, acentua v. d. Bruck, tem fôrça para perdurar. Não é o caso da república alemã que nasceu com a revolução, esta da traição e a traição da estupidez. Não há república sem republicanos e não há republicanos sem orgulho da sua república. Ora, esta república não provocou entusiasmos; só trouxe desilusões. Os dirigentes que a Nação exige, não devem pertencer a nenhum partido. O seu partido é a Alemanha; deve ligar o destino da Nação ao seu próprio destino; a política da Nação é a nacionalização do povo. A escolha dos dirigentes não pode ser feita por boletim eleitoral, mas só recair

em quem dê provas de valor pessoal, capacidade (persönlich sich durchsetzen) de fazer a passagem da história alemã de ontem para a história alemã de amanhã».

Os seus dardos acerados, as suas invectivas despede-as para o liberal, para o individualista que arvora em sistema o seu oportunismo, que mascara o seu egoísmo com as fórmulas parlamentares, *profiteur* que na vida procura apenas as possibilidades de satisfazer os interesses, falho de ideal e de moral. A mocidade alemã sente quais as causas da fraqueza do seu país. À dignidade do homem pertence assegurarem-lhe condições de existência, trabalho e habitação; firmar a vida económica em termos que permitam regular as condições de produção e consumo, a troca de mercadorias, o curso da moeda, o convívio dos povos, evitar as desigualdades económicas, originadas nas lutas das classes, por uma justa repartição de direitos e deveres, tendo em vista as aptidões e capacidade de trabalho dos indivíduos. O Estado democrático não conseguiu efectivar nenhuns destes desígnios.

Por isso, não há mocidade liberal; há uma mocidade revolucionária, como há uma mocidade conservadora.

Para a realização de programa tão patriótico, conta M. v. d. Bruck com um novo tipo que a Guerra criou—o do conservador-revolucionário, cujo partido é o da continuidade da história alemã. «O êrro do comunismo foi fazer política de partido. O traba-

lhador alemão, entrando pela primeira vez na vida pública, com a consciência da sua fôrça, julgou que podia haver um futuro, sem haver um passado; não viu que não podia prescindir dos valores que haviam feito a história até hoje; ignorava que a Alemanha só venceu, quando constituía um todo e não estava dividida em metades; esqueceu-se de que era uma única classe e tinha de partilhar o mesmo destino reservado a um povo de sessenta milhões e que nenhum alemão poderia viver, sem condições de vida para a Alemanha.

«Desde a revolução, continua o autor, operou-se uma mudança completa em nós. O povo está agora colocado perante problemas que já não podem ser resolvidos para o povo, mas que o próprio povo deve resolver. Não podemos trocar esta mudança pela democracia que em breve nos levaria à demagogia.

«Ela determina desde a revolução a nossa vida pública; tirou-lhe determinadas asperezas que vieram de uma tradição mecanizada e de uma convenção mecanizadora. Aproximou os homens entre si; estabeleceu entre êles relações que sob o ponto de vista social não seriam possíveis anteriormente e nas quais se revela uma primeira consciência colectiva (Zusammgehörigkeitsbewusstsein).

«Foi a acção da Guerra que eliminou oposições que na sua maioria consistiam em preconceitos. A vida continuou a ser tão pesada como dantes; a época é, porém, de renovação e por detrás desta

vida exterior recebemos o direito a uma existência mais íntima (verinnerlichtes Dasein) que a despeito de todos os ódios, e inimizades, lutas de classes e de partidos, aproxima o alemão do alemão, desperta-lhe o sentimento de solidariedade nos seus destinos e nos faz pressentir pela primeira vez que há aqui um povo que quer ser uma Nação» (1).

Das dritte Reich não é apenas um dos documentos mais valiosos da moderna literatura social alemã; tem igualmente valor literário, lê-se com o interêsse dum romance que pinta em côres vivas a tragédia da época actual, deixando no leitor a impressão optimista de que as dificuldades serão superadas pelos povos, onde se não obliterou a consciência nacional.

Passo a reproduzir um dos seus trechos mais eloqüentes: «Vós, diz v. d. Bruck, referindo-se aos partidos, desfraldais as vossas bandeiras que quereis impor à Nação. Uns vêm com a bandeira vermelha que é apenas um trapo que excita; a sua côr é a do sangue sem espírito. Não pode ser a bandeira da Alemanha, ainda que a decorem com um martelo, a foice e uma estrêla, símbolo da solidariedade humana. Outros trazem a bandeira negra-vermelha-dourada que foi a ilusão dos românticos e a bandeira do nosso primeiro Reich, mas essa perdeu há muito tempo o brilho que lhe dera uma mocidade entusiasta. Há ainda os que estão presos

(1) *Ob. cit.*, págs. 24-25.

à bandeira negra-branca-vermelha do segundo Reich, sem se lembrarem que ela simbolizou um poder que procurou o domínio dos mares, sem que lhe estivesse assegurada a posse da terra firme. Essa, a nossa honrosíssima bandeira, afundou-se nos redemoinhos de Scapa Flow.

«Sôbre a Alemanha paira hoje outra bandeira que é a expressão do nosso sofrimento. Não tem côres, pois os homens que vivem na desgraça, perderam todo o prazer nos estandartes festivos e nos trofeus aparatosos; é a bandeira negra da humilhação, da amargura, da agitação, da resistência dos homens que sabem que o mundo se conjurou para aniquilar o nosso país indefeso, destruir o sentimento nacional; é também a bandeira da revolta dum povo que há-de salvar a Nação e não consentir que seja mutilada a terra em que nasceu» (1).

A obra, que pela primeira vez foi publicada em 1922 e constitui um grosso volume de 322 páginas, consta de 8 capítulos: revolucionário; socialista; liberal democrático; proletário; reaccionário; conservador; o terceiro Reich, terminando por estas palavras, cheias de exaltação patriótica, de confiança no êxito da luta pela liberdade externa e interna do povo alemão:

«No mundo que se afunda e que é hoje o vencedor, esforça-se o nacionalista alemão, por salvar o

(1) *Ob. cit.*, págs. 300-301.

que é alemão, procurando-o nos valores que ficaram vencedores, por serem invencíveis na sua essência. Luta por êles, para que ocupem o lugar que lhes compete, não só na Alemanha, mas na Europa.

«A Europa em que pensamos, não é, porém, a de hoje que é desprezível de mais, para dalgum modo poder ser valorizada. Pensamos na Europa de ontem e na que dela talvez surja. Pensamos na Alemanha de todos os tempos, na Alemanha com um passado bimilenário, na Alemanha de um presente eterno que vive nos domínios do espírito, mas à qual deve ser assegurada a sua existência na realidade política. A animalidade existe dentro do homem.

A escuridão africana chega até nós. Temos de ser os guardas vigilantes na defesa dos valores» (1).

Dos outros trabalhos de v. d. Bruck, além dos artigos publicados no jornal de polémica — *Das Gewissen* —, merecem referência especial: *O Estilo prussiano*; *O Direito dos povos jovens*; *O Eterno Reich* (2).

(1) Pelo sentimento da raça, nêles mais vivo que em qualquer outro povo, consideraram os alemães a intervenção na Guerra europeia, das tropas negras (*Stinkende Kerle*) ignomínia sem nome, «a maior degradação, no dizer de Dwinger, a que se sujeitaram homens brancos, entregando-os como escravos, nas mãos de raças semi-selvagens».

(2) *Der preussische Stil*, 3 Aufl, Breslau, Korn, 1931, *Das Recht der jungen Völker*, Berlin, Verlag Der Nahe Osten, 1932, *Das ewige Reich*, Breslau, Korn, 1933.

No *Estilo prussiano*, cuja primeira edição appareceu ao rebenotar da Guerra, investiga os estilos architectónicos de Schinkel até Schlüter. Embora a obra pareça ser de pura história de arte, tem um fundo político, como v. d. Bruck o comprehende, sob o conceito de *Metapolítica*. O estilo de construção prussiano que até Schinkel apresenta o carácter de objectividade monumental, indica ao mesmo tempo alguma coisa de fundamental: é a expressão do prussianismo, de um princípio de formação do Estado, cuja história ainda não terminou.

No *Direito dos povos jovens*, preconiza a federação socialista dos povos do próximo oriente, com os quais o autor, em ligação com a Rússia, quis sustentar uma política contra o occidente e a libertação do tratado de Versailles. É a chamada orientação de Brockdorff na política externa alemã. Contém o livro a discussão com Spengler e as conversas com Radek, com o qual, no tempo da luta do Ruhr, estudou as possibilidades e os limites dum comunismo nacional.

Das restantes matérias, destacam-se as considerações sôbre a raça, em que v. d. Bruck se pronuncia contra a concepção tão querida na Alemanha da inferioridade dos povos do oriente (1).

(1) Cfr. o passo seguinte de Edwin Erich Dwinger, *Wir rufen Deutschland*, Iena, Eugen Diedrichs Verlag, pág. 305: «De um lado está a América; do outro a Rússia, o pensa-

No *Eterno Reich*, reúne os capítulos essenciais da colecção em 8 volumes, *Die Deutschen*, começada em 1904, que se propunha ser a representação da figura histórica do povo alemão e do seu carácter especial, no quadro dos valores dos povos, para joeirar o que na Alemanha tem ainda direito à vida.

Depois de considerações fundamentais sôbre o monumental e universal, o trágico, o dogmático e o crítico, segue a exposição, desde Armínio a Bismarck, acabando com a profecia da ruína do presente. Num dos capítulos — *Das dritte Reich und die jungen Völker* — procura a conciliação do socialismo e nacionalismo. (Cfr. *Der neue Nationalismus und seine Literatur* von Dr. Wolfgang Herrmann, Stettin, Verlag Bücherei und Bildungspflege, 1933, ao qual agradeço valiosa informação

mento capitalista e o pensamento bolchevista e entre os dois nós.

«Roeninghoff quer o bolchevismo; vê nêle a última salvação. Eu quero outra coisa e bem desejaria convencê-lo de que a única solução possível está na síntese do novo mundo do Oriente que surge e do velho que se afunda.

«O capitalismo cai por terra, destruir-se-á pelo seu individualismo sem limites; o bolchevismo é essencialmente russo, inadaptável, mas cheio de indicações... A meu ver, a grande missão alemã consiste em estabelecer uma nova ordem social que mais tarde poderia ser adoptada pelos outros países, com as alterações que imponham os caracteres especiais da sua população e economia».

bibliográfica, como várias indicações sôbre as origens do nacionalismo).

*

Tôdas as ideas que o nacionalismo desenvolveu nos primeiros dez anos depois da Guerra, estão representadas em Ernst Jünger: nêle encontra o seu expoente espiritual a mocidade constituída por soldados, revolucionários e lutadores que, desiludidos do passado e confiantes no futuro, se sentiam com a energia, vivificada por tantos sofrimentos e desilusões, para destruir um presente, em que só viam miséria, traição e injustiça.

Na *Luta como experiência interior* (1), penetra na vida psíquica do soldado, nos recessos mais ocultos da sua alma que analisa com minúcia, para concluir que surgiu uma nova vontade política, a primeira expressão do realismo heróico, céptico, objectivo e protestante.

As experiências da Guerra, com as influências que contribuíram para a modelação da alma do soldado, o cunho que imprimiram aos que nela tomaram parte, representam um valor substancial superior às ideologias dominantes do tempo. A Guerra é também a inspiradora dos seus escritos

(1) E. Jünger, *Der Kampf als inneres Erlebnis*, 3 Auflage, Berlin, Mittler, 1928.

posteriores. *O Trabalhador* (Der Arbeiter) e *A Mobilização total* (Die totale Mobilmachung) (1).

(1) A expressão *totale Mobilmachung* passou a ser empregada com freqüência, para indicar a utilização pelo Estado de tôdas as energias e actividade do povo na sua defesa e conservação. É assim que Wolf Schenke num artigo *Der Deutschunterricht im Dienste der totalen Mobilmachung*, entende que êsse conceito deve penetrar na educação, pois corresponde a uma necessidade vital e a tal respeito comenta as instruções sôbre o ensino da história, enviadas às escolas pelas autoridades escolares de Hamburgo, de que transcrevo alguns pontos essenciais:

«A Guerra Mundial será exposta, desde o movimento nacional dos dias de Agôsto nas suas diferentes fases, considerando o seu desenvolvimento posterior, no seu aspecto material. Convém não despertar um entusiasmo guerreiro e um patriotismo meramente superficiais. O que sempre se deve pôr em relêvo é o heroísmo estóico do soldado do *front*; o espírito de sacrificio do homem por uma idea; a ruína dos valores burgueses e sociais anteriores à Guerra; o despertar de um novo sentido da realidade; o espírito de camaradagem de praças e oficiais na Guerra, como fundamento da comunidade social; a direcção e a obediência, base das verdadeiras fôrças políticas, numa palavra, o despertar do nacionalismo alemão da experiência da Guerra.

«O movimento será estudado, desde 1813 até às lutas da libertação de 1918 a 1933 (lutas no Báltico, na Alta Silesia, no Rheno e no Ruhr; o nacional-socialismo e os seus dirigentes). Deve-se exaltar sempre a memória dos que se sacrificaram neste esforço patriótico (Schlageter, os trabalhadores da Krupp, Hortswessel, os mortos do S. A. e da juventude hitleriana), estimular nos alunos, em vez de lhes expor uma teoria nebulosa, as suas fôrças íntimas que os levem a colaborar na reconstrução nacional-socialista».

Um e outro atingem uma nova camada da consciência humana, vista à luz da sua função no mundo moderno; partem do princípio da mobilização total que a Guerra operou no homem. Vista sociològicamente, a Guerra é um monstruoso fenómeno de trabalho que mobiliza tôdas as reservas dos povos em luta. Os países convertem-se em fábricas gigantescas que produzem para os exércitos em acção. O novo tipo de homem que ali se forma, é o do soldado operário (Arbeiter-Soldat), ao qual pouco fica da poesia da vida e das fileiras, mas a energia indestrutível, para levar a efeito os seus propósitos.

Para Jünger, esta mobilização total, como medida do pensamento organizador, é apenas uma indicação (Andeutung) daquela mobilização mais elevada que o tempo realiza em nós e que não pode ser prejudicada pela vontade consciente do particular. A mobilização total das últimas energias prepara a realização duma nova ordem de ideas, cujo agente é o trabalhador. A representação dêste fenómeno, que podemos seguir nos processos de

(Vid. *Wille und Macht*, Halbmonatschrift des jungen Deutschland, Zentralorgan der nationalsozialistischen Jugend, Herg. Baldur v. Schirach, Berlin, 1933, ano I, fasc. 23, págs. 3 e 4).

Von Schirach, o dirigente da mocidade hitleriana do Reich — *Reichsjugendführer der Hitlerjugend* — é o editor dos cadernos de bela e sã propaganda nacionalista, *Jugendvolk* e *Das deutsche Mädel*, destinados a afervorar na mocidade o amor da pátria e o culto dos grandes ideais.

cultura e arte modernas, vê-a o autor no soldado do *front* e no exemplo russo que converteu o operário em soldado da revolução. Ao contrário da sociedade burguesa que compreende o trabalhador, como condição, estado; ao invés do marxismo que nêle vê uma classe, Jünger considera-o o novo tipo humano que realiza e concilia a liberdade e a autoridade (*Freiheit und Herrschaft*), pois só o trabalhador estabelece uma relação íntima, primitiva (*Urverhältniss*) com as fôrças elementares da natureza que actuam perturbadoras no âmbito burguês.

O estilo de Jünger, em comparação com a clareza, espontaneidade e movimento rítmico de M. van den Bruck, é nebuloso, de compreensão difícil; por vezes incompreensível e até perigoso para o leitor desprevenido, conquanto não lhe falte vigor e mesmo grandiosidade. *A Mobilização total* (1) que também está publicada separadamente, figura na obra *Guerra e Guerreiros* (2), colecção de oito estudos sôbre a filosofia da guerra, considerada como fenómeno cósmico e metafísico. Dentre os artigos com mais ou menos unidade, destaco o de A. Erich Günther sôbre a posição dos intelectuais, em relação à guerra (*Die Intelligenz und der Krieg*); o de Ernst v. Salomon, *Der verlorene Haufe*, em que mostra que o pensamento dos primeiros nacionalistas das

(1) *Die totale Mobilmachung*, Berlin, Verlag für Zeitkritik, 1931.

(2) *Krieg und Krieger*, Berlin, Junker & Dünnhaupt, 1930.

tropas voluntárias (Freikorps) era francamente adverso à sociedade e ao estado burguês e o de Gerhard Günther, — *A sujeição da Guerra pelo Estado* —, (Die Bändigung des Krieges durch den Staat), em que preconiza a criação duma nova autoridade do Estado que saiba defender os direitos da Nação.

De Jünger transcreverei dois trechos que esclarecem o pensamento dominante dos primeiros círculos nacionalistas :

«A par dos exércitos que se defrontam nos campos da batalha, surgem os novos exércitos das comunicações, dos fornecimentos, dos armamentos, numa palavra, o exército do trabalho. Na última fase da Guerra, não há por assim dizer, movimento algum, nem mesmo o da operária a trabalhar à sua máquina de costura, que não tenha aplicação, pelo menos indirecta, na guerra. Com esta compreensão absoluta do potencial de energia que converteu os estados industriais em luta em grandes forjas vulcânicas, nota-se nitidamente o alvorecer da época do quarto estado, ganhando a Guerra Mundial, como fenómeno histórico, significado não inferior ao da Revolução Francesa. Para desenvolver energias em tal extensão, não basta armar o braço; é preciso penetrar no mais íntimo da medula, nos mais finos nervos vitais.....

«A mobilização total é, na guerra como na paz, a expressão de exigências secretas e dominadoras da existência, nesta era das massas e das máquinas.

«A vida individual tem a sua expressão mais fiel no trabalho.

«À guerra dos cavaleiros, dos reis e dos burgueses, seguir-se-ão as guerras dos trabalhadores, de cuja estrutura racional e grande violência já nos deu uma indicação o primeiro grande conflito do século xx (1).....

«Os que tombaram no campo da honra, saíram duma realidade imperfeita, para uma realidade perfeita, da Alemanha limitada pelo tempo, para a Alemanha eterna. São êles que em companhia de elevados espíritos, povoam as pairagens secretas, donde brota a fonte dos nossos sentimentos, acções e ideas, tão viva como nenhuma outra neste mundo. Legaram-nos com uma medida absoluta da capacidade humana, uma consciência nova e um esteio firme, em que se apoia a nossa responsabilidade. Não há sinal dos tempos, tão lisongeiro, como o da juventude alemã reconhecer no soldado do *front* a sua imagem. O alemão elevou-se da superfície confusa das oposições que se entrechocam; pode o seu esforço ser julgado pelos Barbusses e Rathenaus inútil e insensato. ¿Que nos importa? Na alegria dos voluntários, fêz-se ouvir com violência a voz do *demon* alemão: aluídos os velhos valores, surge a aspiração indefinida duma nova vida. ¿Quem teria pensado que os filhos de uma geração materialista procurassem a morte com tal entusiasmo?

(1) *Die totale Mobilmachung*, págs. 6-8.

«A miséria mesquinha afigura-se desprezível; a vida que se ostenta, é rica em pujança; ganha assim em significado e intensidade. Por isso, a guerra, para os verdadeiros guerreiros, dá-lhe o conhecimento duma Alemanha mais profunda.

«É essa a origem do desassossêgo característico da mocidade que não se satisfaz com nenhuma idea dêste mundo e imagem do passado. Paira aqui uma anarquia fecunda que brotou dos elementos da terra e do fogo, na qual se oculta o germe duma nova soberania; aqui se esboça a nova armadura da Nação, cujas armas são forjadas com um bronze mais puro, mais resistente e experimentado a tôdas as provas» (1).

(1) *Ob. cit.*, págs. 21-22.

Merece ainda referência especial a colecção de artigos sôbre a Guerra de vários autores que Jünger publicou sob o título *Der Kampf und das Reich*. Berlin, W. Andermann Verlag, 1929. No seu prefácio, considera Jünger a Guerra a origem do movimento nacionalista; embora fôsse perdida, representa uma fonte de fôrça, uma vontade sem condições (*Kraftsquelle, unbedingter Wille*). Mostrou ela que os homens valem mais do que os programas, pois estes mudam, ao passo que o carácter humano implica alguma coisa de imutável. O nacionalismo, pela sua essência, está em íntima relação com o elementar, com o solo pátrio, do qual, fertilizado por torrentes de sangue, o fogo da batalha fêz saltar fragmentos.

É igualmente interessante para o conhecimento das diferentes cambiantes do movimento nacionalista, da direita radical, o já citado livro *Aufstand*, Berlin, Brunnen Verlag.

A par dos livros de guerra de Jünger, dos quais os mais importantes e valiosos, por serem os mais objectivos, são *In Stahlgewittern* e *Feuer und Blut*, merece o *Coração aventureiro* (*Das abenteuerliche Herz*) atenção especial.

«Todo o livro, comenta o Dr. Wolfgang Herrmann, (1) dá uma representação colorida, um caleidoscópio da vida moderna, uma imagem do mundo (*Weltbild*) do ponto de vista do coração, que pelo menos no tema, tem parentesco com o *Steppenwolf* de Hesse e com a *Hochzeit* de Nobis. Jünger leva a sua observação até os limites do pessoal; vai buscar o que quer dizer ao fundo secreto do sonho, ou como êle diz, à perspectiva mágica (*Magische Perspektive*). Com esta profundidade compreende a grande opposição do nosso tempo, que êle assinala como revolução da inteligência e revolução do coração. Reconhece como o maior crime da nossa época, o de não estudar as questões até às suas conseqüências.

Consta de pequenos estudos de valor desigual, de que são os mais valiosos — *Die Wandlung der Seele* — de Schauweker, bem conhecido pelos seus livros sôbre a Guerra que o colocam a par de Jünger, Grote, Wehner, Helmut Frank; e o *Reich e o Fascismo* de Heinz, o antigo soldado do *front*, comandante dos corpos voluntários, dirigente dos capacetes de aço e do S. A. que hoje pertence mais ao círculo politico-filosófico, em volta de Hilscher, do que pròpriamente à politica activa.

(1) Herrmann, *ob. cit.*, pág. 12.

«O livro, como de resto tôdas as obras de Jünger, de cunho filosófico, desenvolve no leitor fôrças anárquicas, pelo que tem sido combatido fortemente pelos sectores conservadores; só pode ser apreciado por um espírito sério e capaz de abranger com penetração as questões de critica cultural nêle expendidas» (1).

A obra consta de uma série de pequenos ensaios, escritos em linguagem cuidada e vigorosa, cuja compreensão exige, porém, do leitor agudeza intelectual e reflexão profunda, demorada. Citarei três dos seus passos que melhor definem o estilo e ideas do autor.

Depois de comparar os pensamentos a mercadorias que navegam por águas escuras e alterosas, e cujo destino depende dos lugares onde as colocam e das outras com que são armazenadas, sujeitas ainda à acção da corrente com os seus desvios e redemoinhos, conclui que o pensamento recebe a sua finura, fôrça e por vezes malefício, não de si próprio, mas da corrente da vida mais íntima que o impulsiona.

«É pois, de alto interêsse que tudo o que existe no mundo em pensamento seja repensado na Alemanha, isto é, transportado em navios alemães. O que provém do pensamento, tem um valor intrínseco de vida e luta e pode ser utilizado, como

(1) *Das abenteuerliche Herz*, Aufzeichnungen bei Tag und Nacht. Berlin, Fundsberg Verlag, 1931.

arma de guerra. O exemplo disto é a técnica, em que se não faz a mais pequena descoberta que não possua o seu oculto potencial de guerra.

«O mesmo sucede no contacto com os homens, principalmente nesta nossa época, sem regra e norma, em que as escolas, partidos e dogmas só podem realizar a sua missão dentro da ordem. Nos estados caóticos, em que cada um se sente iludido e traído pelo tempo, o homem exige que lhe valham na sua desgraça; reconhece a vacuidade das palavras e que a lei é impotente para deter a marcha da vida que a todo o momento impõe os seus direitos. Cansado de abstracções, sente não as formas da vida, mas a própria vida. Verifica-se então a fôrça mágica de que é dotado o ser, rico em inquebrantáveis instintos, imagens e símbolos, em energia íntima, condicionando o aparecimento da *personalidade*, do chefe que dê expressão às aspirações do indivíduo, imponha unidade às inumeráveis atitudes, convicções, designios e pensamentos de cada um» (1).

.....

«Os segredos que o mar do sul encerra, são para os olhos do alemão do norte, habituados a côres mais severas de inexcedível encanto. Também as côres dos animais, sobretudo dos insectos, nos países mais quentes, ostentam notável riqueza e variedade. São mais vivas, metálicas e expressivas.

(1) *Ob. cit.*, págs. 79-82.



É porém, o mar que dá aos seus habitantes a elegância e a doçura dos tons, a harmonia, as cambiantes, a ternura admirável e a intimidade do que passa. São côres mais sonhadoras; pertencem mais à noite do que o dia, precisam da protecção dos abismos sombrios; às vezes nos seus reflexos de violeta e vermelho-escuro, lembram certas orquídeas, como a Stanhopea, mas também estas procuram a sombra uniforme, verde-escura das mais espessas florestas. Tem o seu quê de extraordinário o ser êste brilho mágico característico das formas mais frias e vaporosas da vida.....» (1).

«A idea do sublime (vornehm) afigura-se-me representada num daqueles jovens soldados da última guerra, num daqueles que trocaram a maleta escolar pela carabina e cuja figura quási desaparecia, debaixo da pesada mochila.

«Um dos espectáculos mais impressionantes que vi e ainda se me não desvaneceram do espírito, foi a de um nobre rapaz, arrastando a custo, valente e sem queixume, numa noite de chuva e fogo, pouco antes da sua morte, através de escuridão, duas grandes caixas de munições, pesadas demais para as suas fôrças...

«Há um bater de grandes corações que leva a consciência duma responsabilidade solitária a tomar sôbre si os maiores fardos, sem o que não poderiam ser suportados pelo indivíduo isolado. São os

(1) *Ob. cit.*, págs. 129-130.

sonhos ardentes, o seu orgulho indomável, a força irresistível da mocidade. Nesses momentos de intimidade com o mundo de crença e heroísmo, estabeleceu-se uma fraternidade secreta, um círculo mais elevado de vida que se mantém com o pão espiritual do sacrificio. Para que neste nimbo se gere o ar de fogo que a alma respira, é imprescindível que continuamente, de dia e noite, se morra solitário» (1).

(1) *Ob. cit.*, págs. 260-261.

A sentimentos mais ou menos análogos deu expressão Rudolfo Binding. Cfr. os seguintes versos :

Einsam lagen wir da in der Not der Schlacht;
wir wussten dass jeder einsam war.

Aber wir wussten auch dies:

Einmal vor Unerbittlichem stehn,

wo Gebete entrechtet, Gewinsel zu Gott

lächerlich ist,

wo keines Mutter sich nach uns umsieht,

kein Weib unsern Weg kreuzt,

wo alles ohne Liebe ist,

wo nur die Wirklichkeit herrscht

grausig und gross,

solches macht sicher und stolz.

Unvergesslich und tiefer

rührt es ans Herz des Menschen

als alle Liebe der Welt

Und wir fühlten : dies war das Mass.

Da — Schlacht — Das Mass.

(In-Albert Sörgel — *Dichter aus deutschem Volkstum*, Leipzig, Voigtländers Verlag, 1934, pág. 31).

Documento valioso e comovedor do espírito de sacrificio e amor pátrio é a colecção de cartas dos estudantes mortos na guerra, publicada pelo prof. Dr. Philipp Wittkopp, — *Kriegsbrieife gefallener Studenten*, München bei Georg Müller.

II

Spengler e Winnig

De 1918 a 1924, foram as doutrinas de Spengler que dominaram o pensamento político das direitas.

O significado dos escritos de Spengler, mercê da sua intuição criadora, filha dum notável temperamento político e científico, consiste não só na sua atitude contra o liberalismo, mas também na sua concepção orgânico-conservadora da história que não é compreendida, sob um critério preconcebido, como idealismo ou materialismo, mas como alguma coisa que cresce orgânicamente, floresce e morre, como a planta na natureza.

Ponhamos de parte a *Decadência do Ocidente* e lancemos os olhos para os seus *Escritos Políticos*(1). Constam êles de três pequenos estudos publicados separadamente: *Prussianismo e Socia-*

(1) O Spengler, *Politische Schriften*, München, Volkswirtschafts-Verlag, 1933.

lismo (Preussentum und Sozialismus); *Nova Constituição do Estado alemão* (Neubau des deutschen Reichs), em que faz uma crítica acerba do Estado de Weimar, indicando as directrizes para um novo Estado, sua ordem interna e externa; *Deveres Políticos da mocidade alemã* (Politische Pflichten der deutschen Jugend) e de quatro prelecções: *A Rússia no seu duplo aspecto e os Problemas alemães do Oriente* (Das Doppelantlitz Russlands und die deutschen Ostprobleme), em que analisa o bolchevismo e o seu futuro, prevendo que êle será modificado e aniquilado, ainda que lentamente, pelo seu inimigo natural, o camponês que encontra a sua mais elevada e fiel expressão em Dostojevski, hoje repudiado, como reaccionário; *Novas formas da Política mundial* (Neue Formen der Weltpolitik), em que mostra como a luta das forças políticas se converte em luta da alta finança para conseguir a direcção política do Estado; *As Relações da Economia e a Política dos impostos desde 1750* (Das Verhältniss von Wirtschaft und Steuerpolitik seit 1750), onde defende a tese de que o aumento sempre crescente dos impostos na última década aniquilou a propriedade e a cultura; e *As relações actuais da política e Economia mundiais* (Das heutige Verhältniss zwischen Weltwirtschaft und Weltpolitik).

Neste seu último trabalho, sustenta que os países industriais da Europa economicamente cedem o lugar, em beneficio da Ásia Oriental, Norte

de África, América Central e Rússia. É convicção de Spengler que a crise económica da Europa não depende da economia, mas da política e que nesta política não são os tratados que dominam, mas os valores individuais (*starke Einzelne*), aos quais está reservado um papel análogo ao dos Césares da antiga Roma.

O interessante estudo conclui com as considerações seguintes: «O poder político, sem o qual não há êxitos económicos, não consiste hoje apenas no dinheiro, nos canhões, nos tratados, mas na existência de personalidades que pelo seu valor e acção, representem poder real e possam suprir o poder anónimo das grandes quantidades. Pelo que respeita à Alemanha, a minha esperança está em que nós somos o povo que há um século, a esta parte, produziu as mais fortes individualidades da técnica, ciência, organização económica, exército e administração e ainda não esgotou esta fôrça de produção». (*Politische Schriften*, pág. 338).

No *Prussianismo e Socialismo*, mostra a razão por que a revolução de 1918 estava condenada a sossobrar. «O alemão, diz êle, em geral e sobretudo o prussiano, é dominado pelo princípio de que o poder pertence ao todo (*Die Macht gehört dem Ganzen*). O particular tem de se lhe subordinar. O Rei, como dizia o grande Frederico, é o primeiro servidor do Estado. A cada um compete o seu lugar na escala social. Ordenam-lhe e obedece. É um socialismo autoritário, pela sua essência ili-

beral e anti-democrático, em confronto com o liberalismo inglês e a democracia francesa. A revolta do proletariado marxista não foi levada a efeito pelo povo; foi obra da escória, dirigida por correcionais, literatos e desertores que em vez de se collocarem em frente dos exércitos vermelhos, na defesa dos seus ideais, se anicharam na direcção de rendosos conselhos operários. O seu único acto foi a deposição dos príncipes, embora a forma republicana de govêrno nada tenha que ver com o socialismo. A idea do socialismo no seu significado mais profundo — *Wille zur Macht*, -- luta pela felicidade, não do indivíduo, mas da comunidade, é genuinamente alemã. Frederico Guilherme I e não Marx foi, neste sentido, o primeiro socialista consciente ».

Spengler vê no inglês e no alemão dois tipos diferentes, de ideologias irreconciliáveis. Para aquele, o fim do trabalho é o êxito, o dinheiro, a riqueza. A sua situação insular, o espírito de *Wiking* que nêle persiste, dão-lhe a consciência da independência pessoal. Em lugar do Estado, aparece o conceito do *homem privado*, livre com as suas virtudes próprias: responsabilidade individual, decisão, iniciativa. O homem privado é o complemento da *society* em que se mantém ainda vivo o velho nórdico instinto comercial e de rapina, ao qual a Inglaterra deve o seu domínio sôbre o mundo inteiro.

Tôda a política inglesa é uma política de ho-

mens privados e de grupos dos mesmos: é este e não outro o significado do regime parlamentar. O seu êxito é condicionado pelas qualidades nativas do inglês, que, como tudo o que há de mais valioso sob o ponto de vista ético, não se aprendem; herdam-se pelo sangue e aperfeiçoam-se lentamente, através de uma longa cadeia de gerações. No alemão, pelo contrário, predomina o espírito dos cavaleiros da Marca: a fidelidade, a disciplina, a renúncia, o domínio de si próprio.

A concepção da liberdade para o prussiano está em servir; não é o sentimento do Eu, mas o sentimento colectivo, o dominante. É a *libertas obedientiae*, bem exemplificada no exército, no funcionalismo prussiano, na organização trabalhista de Bebel. *Trabalhar para o Rei da Prússia* significava cumprir intemeratamente o seu dever, sem mira de qualquer lucro. O fim não é o enriquecimento do indivíduo, mas a prosperidade comum. Sob Bebel, o movimento operário não se baseava numa política de salários, mas numa questão de categoria.

A moral do marxismo que arruinou o socialismo alemão, é de origem inglesa. Combatendo o capitalismo, Marx, como é apenas crítico, negativista e destruidor, parte do mesmo princípio que procura aniquilar. O trabalho para êle, como para o inglês, não é nenhum dever; é uma mercadoria; a luta de classes é uma especulação, em que o trabalhador entra como negociante do seu produto.

Segundo Spengler, falta ao inglês o mesmo sentido da dignidade do trabalho que considera uma necessidade odiosa; não compreende a actividade em si, como serviço, dever que dignifica. Desde que a felicidade consiste no êxito material, na riqueza que faz do homem um *gentleman*, nada mais lógico que essa felicidade não deva ser património de um grupo, mas da maioria.

É o ideal proletário, a expropriação dos que possuem. A concepção de Marx de duas classes —burguês e proletário— é genuinamente inglesa. São êles respectivamente sujeito e objecto de negócio, expoliadores e expoliados. A ditadura proletária, procurando o domínio de uma classe, aspira, por seu turno, a converter-se de expoliada em expoliadora.

O penetrante escrito de Spengler desenvolve-se à volta do princípio, já reconhecido por Engels e Lassalle, que defendia a aliança da realeza com o operariado, contra o liberalismo e a teoria inglesa dos estados fracos, de que só os alemães compreendem o verdadeiro socialismo e de que na Guerra, não foi apenas a Entente a inimiga da Alemanha, mas o pseudo-socialismo estrangeiro, o liberalismo inglês, o anarquismo ideal francês que procuraram aniquilar o verdadeiro socialismo prusiano. A realidade histórica da Guerra Mundial está na luta destas concepções irreductíveis. Apresentam-se em jôgo ideologias opostas: ou a humanidade se liberta das formas da democracia

franco-inglesa, ou está condenada a ruína irreparável.

«O sentido do socialismo, conclui o vigoroso pensador, consiste não numa oposição de ricos e pobres, mas no conceito da hierarquia, assegurada a cada um pelos seus méritos e capacidade de trabalho. É esta a nossa liberdade. Quem pelas suas qualidades nasceu para mandar, deve ocupar o seu lugar de mando; quem as não tem, que se retire para o pòsto que lhe compete. Apelo para a mocidade com medula nos ossos e sangue nas veias. Educai-vos! Fazei-vos homens! Não precisamos de ideólogos, estamos cansados de palavriado, acêrca de cultura, burguesia do mundo e missão espiritual dos alemães.

«Do que carecemos, é de uma classe de naturezas dominadoras. Socialismo significa poder e sempre poder, sem o que nada valem pensamentos e planos.

«O caminho para o alcançar está indicado: unam-se os elementos de mais valor dentre o operariado, em íntima comunhão com os melhores portadores da concepção prussiana de govêrno, resolvidos ambos a fundar um estado acentuadamente socialista, democrático no sentido prussiano, ligados pelo sentimento do dever, pela consciênciã de uma grande missão, pela vontade de obedecer e dominar, de morrer e vencer, pela fôrça para arrotar com todos os sacrificios, para levar a efeito aquilo para que nascemos, aquilo que somos e sem

nós não existira. Somos socialistas, não o seremos em vão » (1).

Nos *Deveres Políticos da mocidade alemã*, chama a mocidade ao sentido das realidades políticas. Depois de evocar a situação aviltante em que se encontra a Alemanha, alvo de todos os ódios, campo aberto às mais violentas extorsões, sem o direito de defesa, ocupada militarmente por um exército estrangeiro que paga com o seu dinheiro, mostra a sua confiança e esperança nos destinos da pátria, a mais nova e menos gasta das nacionalidades europeias, à qual está assegurado o seu papel histórico, de harmonia com a fôrça íntima, as qualidades criadoras e a energia de que é dotada. Aconselha a juventude a não se deixar embriagar só com festas e paradas, mas pelo estudo dos documentos diplomáticos publicados pelos arquivos alemães e pelos livros azuis ingleses, orações e cartas dos políticos eminentes, dos escritos dos grandes mestres da actual ciência económica, Keynes e Helfferich, conhecer a situação política mundial, os métodos de trabalho das personalidades marcantes, os meios utilizados para a consecussão dos seus fins, compreendendo quais as virtudes dos dirigentes e dos dirigidos. É necessário que a nova geração se eduque, para servir de apoio aos seus grandes governantes, quando eles apareçam, lembrando-se que servir em orgu-

(1) *Ob. cit.*, págs. 104-105.

lhosa renúncia, num sacrifício impessoal, é uma virtude alemã.

Na brochura — *O Homem e a técnica*, Contribuição para uma filosofia da vida (1) — Spengler estuda o problema da técnica nas suas relações com a cultura e a história. Coloca-se num ponto de vista diferente do geralmente seguido: aprecia os factos, não como deviam ser, mas como são. Ao deve ser — *So soll es sein* —, contrapõe o que realmente é: *So ist es, so wird es sein*. «Para os idealistas comenta êle, para os ideólogos na esteira do classicismo humanista da época de Goethe, os assuntos técnicos e as questões económicas estavam fora do âmbito da cultura. Goethe com o seu profundo sentimento da realidade, no segundo Fausto, procura penetrar nos fundamentos mais íntimos dêste novo mundo, mas já com Guilherme de Humboldt, começa a interpretação filosófica da história. O valor da cultura consistia nas obras dos artistas, dos homens de letras e pensadores. A categoria social do comerciante ou engenheiro, em relação àqueles, era muito inferior. As questões económicas eram prosaicas, ou mesmo estúpidas, para poderem interessar o homem culto. O Estado consideravam-no, quando muito, um mal necessário, um freio, mas no fundo um perturbador da verda-

(1) *Der Mensch und die Technik*, Beitrag zu einer Philosophie des Lebens, München, Beck'sche Verlagbuchhandlung.

deira cultura, assim como a Guerra uma barbaridade inadmissível de épocas passadas e retrógradas.

«Em contraposição, o materialismo marxista, os escritos de ética socialista ou de tendências, liberais e radicais, os semi-cultos da segunda metade do século XIX só reconheciam na cultura um fim exclusivamente utilitário. Tudo o mais era luxo, superstição, retrocesso.»

Spengler vê na técnica, não apenas a construção de máquinas e ferramentas, mas a luta do animal, como de resto do ser vivo, a tática de toda a sua vida, no domínio das forças da natureza. Não acredita no mito do progresso indefinido, antes reconhecendo que a forma de todo o real (*Die Form alles wirklichen*) implica nascimento, crescimento e morte, preconiza o fim da economia do ocidente: o animal de rapina que é o homem, usando de processos cada vez mais aperfeiçoados para utilizar e vencer os elementos que se lhe opõem, operando a mecanização do mundo, para o que tem destruído florestas, espécies animais, raças humanas inteiras, começa a cansar-se e a estabelecer relações pacíficas com a natureza. Volta-se às formas da vida mais simples; odeiam-se as grandes cidades; procura-se fugir às actividades sem alma, à fria atmosfera de organização técnica; trocam-se os problemas e as ciências práticas pela pura especulação; as mãos revoltam-se contra a máquina, sob todas as formas, desde o atentado e a greve até o suicídio.

Por outro lado, as raças de côr (die farbigen) e em especial os japoneses fazem concorrência mortal, em virtude dos seus baixos salários, à actividade industrial dos brancos, provocando, não só uma crise, mas uma catástrofe iminente.

Perante êste destino inexorável, conclui o grande pensador que pelo saber enorme, profundidade com que aborda os problemas das ciências formais e da natureza, se pode considerar um sábio e literato de primeira categoria, só há uma concepção da vida digna de nós: « antes uma existência curta, cheia de acções e glórias, do que uma vida mesquinha sem conteúdo. Devemos aguardar com serenidade o fim que nos espera, sem esperança, sem salvação, mas com serenidade, como aquele soldado romano, cujo cadáver se encontrara petrificado às portas de Pompeia, porque se tinham esquecido de o licenciar, a quando da erupção do Vesúvio. Isto é grande, isto chama-se ter raça.

« Êste fim honroso é o único que se não pode tirar ao homem » (1).

*

Dentro da orientação de Spengler, uma das figuras mais interessantes do nacionalismo alemão e ao mesmo tempo das mais simpáticas, pois difícil-

(1) *Ob. cit.*, págs. 88-89.

mente se encontra escritor em que o seu labor literário, como a sua vida particular seja um modelo de modéstia, altruismo e virtudes cívicas, é Augusto Winnig, literato de grande valia, escritor político notável pela sua sinceridade e poder de captação.

De origem humilima, pois seu pai era coveiro — funções estas que pertenciam à família desde 1583 — depois de freqüentar a escola popular, viu-se forçado por falta de recursos com a morte do pai e más vontades pelas ideas políticas do irmão, a aprender a arte de pedreiro, que exerceu durante bastante tempo. Aos 26 anos, dirigia o órgão da classe, *Grundstein*, dedicando-se à política das corporações, fazendo várias tentativas para converter o partido social-democrático em partido operário nacional; foi presidente da associação dos operários da construção civil (*Bauarbeiterverband*); em Novembro de 1918 enviado do govêrno junto dos Países Bálticos, presidente da província da Prússia oriental, lugar de que foi demitido em 23 de Março de 1930. Tomou parte na tentativa de golpe de estado de Kapp, chegando por fim ao nacionalismo conservador cultural.

O seu livro, *Frührot*, dedicado a Oswaldo Spengler, é uma narrativa auto-biográfica que da primeira à última página, mantém no leitor um interesse constante pelo assunto, revelando-se Winnig, desde logo, pela franqueza com que descreve as misérias da sua vida atribulada, sem que por isso

mostre estar possuído de sentimentos de ódio à sociedade, ou inveja pelos mais felizes, um exemplo raro de virtudes, que bem pode ser apresentado como espelho das qualidades sãs do camponês, com as quais justamente o govêrno alemão conta para a regeneração moral da nação. Vêmo-lo em criança, dotado já de extraordinária fantasia, viver no meio das maiores dificuldades, sob a vigilância da mãe, pobre lavadeira que o autor descreve com traços de tocante ternura que, no dizer de Bogner, só se podem comparar aos do retrato da mãe de Dürer; seguimo-lo na evocação da escola modesta, dos seus camaradas, das refregas com os companheiros e alunos do ginásio, o que lhe trouxe a fama de brigão, vagabundo e mesmo incorrigível.

«Embora houvesse um grãozinho de verdade neste juízo, o que é certo, diz êle, com a maior candura, eu fazia muitas coisas boas, saúdava tôda a gente, limpava os meus sapatos, nunca persegui uma criança; não era provocador, seguia sempre o caminho que me indicavam; era em tudo serviçal» (1).

O seu primeiro contacto com a política que devia ser a preocupação de tôda a sua vida, fê-la ainda como aluno da escola, por intermédio do irmão mais velho, Hermann que o levou a uma

(1) *Frührot*, Ein Buch von Heimat und Jugend, 1933, Stuttgart Berlin, Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, págs. 45-46.

sessão de propaganda operária realizada num restaurant — *Das bunte Lamm* —, para celebrar a revogação de uma lei sôbre socialismo, de Bismarck. O pequeno não conseguiu adormecer essa noite, preocupado com a influência que êste acontecimento exerceria na sua vida futura, lembrando-se da advertência do professor de que a vida é só uma e cabe a cada um a responsabilidade da maneira como a orienta (Man hat nur ein Leben, und jeder trägt von sich selber die Verantwortung dafür wie es sich formt(1)).

No seu espírito, começavam a debater-se ideas opostas. Por um lado, aspirava a ser professor, a ter a sua casa, onde viveria com a mãe que um dia em que quisesse castigar um rapazito, lhe lembraria que partidas muito piores fizera êle e no entanto saíra um homem honrado (dass ich selbst einst manchen schlimmen Streich verübt hatte und doch ein wackerer Mann geworden wäre). Por outro, a agitação da vida política atraía-o; sonhava para si a glória de ser herói da revolução, para terminada a luta e assegurada a ordem, viver em paz e feliz com a sua mãizinha.

O socialismo então nada tinha de comum com o materialismo e o marxismo; era mais idealista, uma espécie de crença religiosa que comparava os deserdados da sorte aos primeiros cristãos oprimidos. Não era apenas a questão do dinheiro, a

(1) *Ob. cit.*, pág. 195.

dominante. Não é o dinheiro que dá a felicidade, diz um dos seus companheiros, um velho oficial de carpinteiro; o operário precisa de cultura e educação (Mehr Geld allein macht aber nicht glücklich).

As suas ligações com o irmão mais velho, conhecido pelas ideas avançadas, a sua imprudência em ter escolhido para tema dum trabalho escolar «A Comuna de Paris», tornam-no suspeito aos olhos da sociedade burguesa, da pequena cidade natal e por último acaba por ser expulso da escola. Fêz-se pedreiro e social-democrata. Os seus sentimentos de bondade nativa, as suas crenças religiosas mantêm-se inalteráveis. O seu modelo, como homem, é o pedreiro Teodoro Bömmelburg, o presidente da associação de classe que num discurso pronunciou esta frase, para êle inolvidável, tendo-a sempre presente em tôda a sua carreira política: um povo não pode viver sem ordem; a ordem é o Estado. (Kein Volk kann ohne Ordnung bestehen. Die Ordnung ist der Staat).

A sua experiência inteligente mostrou-lhe que a igualdade exterior dos homens é impossível, por ser contrária à natureza. Nenhuma criatura do mundo vivo é perfeitamente igual a outra. Interiormente, também os homens divergem.

Só uma igualdade pode existir: a igualdade no respeito e consideração pública. Para isso, é necessário que a classe operária se eleve pelos costumes, pelos dotes de espírito, sentimento da colec-

tividade e permanente esforço. É essa a nobre missão do socialismo. Como o impressionou desagradavelmente ouvir aplaudir um orador da associação que dizia: «Que me interessa a mim, o bem da cidade; que tem que ver connosco a pátria alemã?»

Por fim, descreve a sua vida na prisão, a que fôra condenado como grevista, sem uma palavra de revolta, com expressões de simpatia para o bondoso juiz que lhe emprestou para ler livros de Dickens e Raabe. Quási lhe parecia que nada lhe faltava, a não ser o longo cachimbo e a boa cerveja.

O livro é uma obra prima pela linguagem simples e expressiva, pela sua ligação à terra e ao povo, cheio de amor pátrio e familiar (abre com a palavra *Heimat* e fecha com a palavra *Mutter*); documento de extraordinário encanto que respira bondade e crença, podendo sem favor colocar-se a par das produções mais valiosas dos últimos tempos.

Com a *Longa Jornada* (1), prossegue Winnig a sua narrativa biográfica, dando-nos a conhecer a sociedade alemã, sobretudo o meio operário e socialista, até o terminar da Guerra. Descreve-nos minuciosamente a sua carreira política, a vida das associações operárias, as lutas internas do partido,

(1) *Der weite Weg*, Hamburg, Hanseatische Verlaganstalt.

a sua preocupação constante de ser um orientador honesto dos seus camaradas (einigen hundert Menschen ein redlicher Führer zu sein). Em Geselkirchen, trabalha denodadamente pela associação de classe, pela sua cultura, para o que organiza a caixa económica e aulas nocturnas para os associados. Não tarda a compreender que o partido social democrático é no fundo o maior inimigo do operário; pouco o interessa o seu bem estar; serviu-se d'êles apenas para manejos políticos pouco sérios e satisfação de ódios. Ali mandam judeus e literatos que são, já o velho Rieke lhe acentuara, a ruína da classe, o refugio da burguesia que os repelia, e dela procuravam tirar vingança, os prègadores da luta, quando o deviam ser da colaboração, os envenenadores do povo, a quem entorpecem, com as suas adulações e vitupérios, impedindo-o de tomar a consciência do lugar que lhe compete na vida da nação (ihrer deutschen Volkhaftigkeit, ihres Dranges nach Eingliederung in die Nation bewusst zu werden). A Guerra Mundial acaba por esclarecê-lo definitivamente; abandona de vez a concepção materialista da história, por reconhecer que há interesses superiores aos económicos, os do ideal (seelische Leidenschaften), de que encontra o exemplo em Martinho Lutero, Frederico o Grande, Cromwell, Mirabeau e outros. O seu sangue alemão, como de boa casta, faz valer os seus direitos. A idea da unidade nacional surge-lhe com tôda a clareza. A attitude de Winnig

é idêntica à do socialista Paulo Lensch que debatendo-se numa crise de consciência, acaba por colocar os interesses da pátria acima dos do partido, e no seu trabalho *Guerra Mundial e Social Democracia* (Weltkrieg und Sozialdemokratie) reconhece que a organização social alemã e inglesa, são fundamentalmente opostas: a inglesa é a mais pura personificação do princípio capitalista privado, grosseiramente mecanista, expressão exclusiva de instintos individuais de rapina que se oculta sob o manto do puritanismo; a alemã é a expressão do princípio orgânico da ordem.

Mais do que uma luta de mercados, a Guerra foi a luta de dois sistemas irreconciliáveis.

Na obra de Winnig que termina com a sua missão oficial nas províncias bálticas, figuram personagens marcantes na política bem conhecidas, como Ebert, Mehring, Harnisch, Parvus, Helfland, Rosa Luxemburgo; contrapõem-se dois mundos diferentes que só a Guerra superficial e momentâneamente conseguiu unificar. Todo o trabalho caracteriza-se por um cunho nacional acentuado e ao mesmo tempo religioso, pois quem crê no Criador da ordem, não pode deixar de ser inimigo do marxismo e de todos os devaneios da soberania popular, concluindo por esta confissão:

«Ao serviço duma classe me consagrara, com ela dispendi tôda a minha actividade. ¿Mas não iam sempre os meus pensamentos para o Reich? ¿Não fôra a minha preocupação constante trazer

a classe para êle? Mas o Estado, das alturas do seu orgulho, não deu conta do pobre viandante, que procurava o verdadeiro caminho para milhares e milhares de compatriotas. A marcha fêz-se através de pedras e abrolhos; o caminhante esteve perdido, mas o seu alvo foi sempre o bem da Pátria. Chegado ao têrmo da longa jornada, encontra não o Reich na sua fôrça e magnificência, mas na sua miséria; não a real Germânia, mas a pobre mãe Alemanha. Essa devo eu servir» (1).

Em *Das Reich als Republik*, chega à conclusão de que o Estado de Weimar, sob o domínio do parlamentarismo republicano, é o menos próprio para satisfazer as aspirações justas do trabalhador, porque no fundo representa a desagregação do próprio Estado (Unstaatlichkeit).

Winnig no penetrante estudo — *Do Proletario ao Trabalhador* — (Vom Proletariat zum Arbeiter-tum), estuda a situação do operariado na sua evolução histórica, mostrando como na Idade Média, o trabalho manual era dignificado.

Antes de surgir o proletariado, o povo das fábricas, já existia o artífice manual, quinhentos anos mais antigo do que êle, que se formou num meio completamente diferente, sendo o capitalismo a causa da sua ruína. O indivíduo era valorizado pela corporação (Zunft), na qual só podia entrar

(1) Der weite Weg, págs. 446-447.

como aprendiz; ascendia pelos seus méritos e idade a oficial (Geselle) e a mestre.

A admissão não era fácil: quem na comunidade quisesse ser admitido, teria de provar a sua ascendência honrosa, a sua vida imaculada. Também nela não podiam entrar os filhos dos camponeses, ou de pessoas estranhas à população.

O grémio dá categoria aos seus membros; oferece-lhe protecção e segurança; assiste-o na doença e invalidez, mas exige-lhe obediência, respeito pela hierarquia e honradez; quer dizer, o grémio assenta sob uma base moral. Os membros da corporação não se sentiam deserdados, eram uma parte da burguesia. Não se confundiam com a massa, o trabalhador jornaleiro, pois sentiam-se como Estado seleccionado, categorizado. Na Alemanha do Norte, os pedreiros e operários de construção até o comêço dêste século, tinham as suas refeições em casas separadas. O absolutismo do Estado tirou às corporações as funções, direitos e liberdade; o industrialismo cavou a sua ruína. O homem de aldeia, na esperança de melhorar as condições de existência, colocou-se na fábrica, mas, se melhorou econòmicamente, piorou sob o ponto de vista moral. Perdeu a compostura, o respeito por si, o contacto com a comunidade, constituída pelos parentes, vizinhos, amigos e conhecidos que nas ocasiões difíceis lhe poderiam valer com o seu auxílio. Ainda antes da Guerra, a corporação soube resistir às influências do partido, colaborando com o Es-

tado na solução dos problemas que ao trabalhador interessavam; como nova camada social que ascende à vida pública, aspirou a receber a cultura das camadas superiores, pois só assim podia ter lugar e direito no quadro social (*Gemeinschaft des Volksganzen*). Não só os poetas e literatos que contavam e descreviam a miséria do operariado, como Freiligrath, Herwegh e Heine, Arno Holz e Carlos Henckell, tinham aceitação no meio operário. Autores menos tendenciosos e sãos, como Groth e Fritz Reuter, nas regiões do Norte, Storm, Keller, Raabe, Willibald Alexis, Fontane, Freytag, Telmann, Polenz, Frenssen, Gustavo Falke, Otto Ernst, gozaram entre a classe operária de aprêço e até mesmo os grandes nomes de Lessing, Schiller e Hebbel não lhes eram desconhecidos. À cultura artística não ficou estranho o operariado; no ano de 1910 puderam as direcções das corporações das grandes cidades organizar para os operários concertos de ópera, com produções de Mozart e Beethoven que constituíram um verdadeiro sucesso. O estéril radicalismo intelectual, o marxismo judaico, constitucionalmente inimigo do que é alemão, dominado só por sentimentos baixos, de ódio e revindicta, destruidor da ordem social, à qual o operário só interessava como meio para conseguir os seus fins, paralisou êste movimento de cunho acenuadamente nacional.

A associação tornou-se agente do partido e êste mandatário do internacionalismo revolucionário,

inimigo do Estado e da Nação. Converteu-se em aparelho sem alma, num movimento sem fé, cuja força exclusiva estava no número, na massa. Para que o operariado tenha o lugar que lhe compete na vida da Nação, pertence à burguesia, como depositária dos valores em que assenta a comunidade, transmiti-los às novas camadas sociais; é essa a nobre missão das corporações nacionais cristãs. «É preciso elevá-lo da situação degradante de *proletário*, à nobilitante de *trabalhador*, restabelecer o trabalho como um dever social, para o bem comum e honra de Deus, fórmula esta que na Idade Média se usava em tôdas as ordens, prescrições e regulamentos corporativos » (1).

(1) A dignificação do trabalho, como sempre a entendeu Winnig, constitui um dos princípios do nacional-socialismo que no número 10.º do seu programa estatui:

«O primeiro dever de todo o cidadão deve ser produzir espiritual ou materialmente. A actividade do particular não deve colidir com os interesses gerais, mas efectivar-se em benefício da colectividade e dentro do lugar que lhe compete » (Vid. Gottfried Feder — Das Programm der N.S.D.A.P. München, Verlag Frz. Eher Nachf, pág. 18).

De harmonia com êste princípio, foi publicada em Maio de 1933, em substituição do trabalho voluntário, a lei do trabalho obrigatório (*Arbeitsdienstpflicht*) no sentido de que a mocidade seja fortalecida física e moralmente pelos exercícios físicos, a ginástica e desporto, constitua uma verdadeira comunidade social, pelo respeito da humanidade, amor pátrio, sentimento do dever, consciência da responsabilidade, ordem e disciplina, e ao mesmo tempo colabore

O livrinho de Winnig *O pinheiro que reverdesce eternamente* (Die ewig grünende Tanne)

nas obras de fomento que pela sua grandeza não poderiam ser efectivadas pelas actividades particulares, tais como grandes obras de hidráulica, construção de canais, enxugo de pântanos, regularização dos cursos fluviais, defesa contra inundações, trabalhos florestais, etc.

Pela primeira vez, êste ano prestaram êsse serviço aproximadamente 270.000 jovens; o serviço é de um ano repartido por dois semestres, podendo chegar até dois anos. Para os alunos que se destinam às Escolas Superiores, um dos semestres é cumprido no têrmo do curso secundário e o outro antes do exame do Estado.

«Sem quaisquer dificuldades, diz Gottfried Feder, podem ser incorporados em tal serviço 500.000 homens que hoje vagueiam pelas cidades sem ocupação.

«A sua manutenção sobrecarregará muito menos o Estado do que os subsídios aos desempregados». (Vid. Gottf. Feder, Arbeitschafung, in-*Unser Wille und Weg*, 1932, fasc. 4, pág. 101-105, cit. em Vries de Heekelingen, *Die Nationalsozialistische Weltanschauung*, pág. 13-14, Berlin, Charlotteburg, Pan Verlagsgesellschaft).

«A instituição do trabalho obrigatório, insiste Hugo Pieper, tem por fim despertar na mocidade o sentimento do respeito, perdido nos grandes centros, pelo operário e trabalhador rural» (H. Pieper, Die Arbeitsdienstpflicht em *Die Nationalsozialistische Weltanschauung*, pág. 110-112, cit. em Heekelingen, ob. e pág. cit.)» O trabalho obrigatório na Prússia já está também estabelecido para os professores e assistentes que o deverão prestar depois de 4 semestres, sendo dêle dispensados os que excedam certo limite de idade. (*Deutsche Völkererziehung*, publicado pelo Zentral Institut für Erziehung und Unterricht, n.º 1, págs. 19-20).

Do mesmo modo, trabalhos científicos de grande vulto,

compreende sete novelas, escritas numa linguagem simples, despretensiosa, cheia de encanto pela sua

como estudos de natureza sociológica, económica, agronómica, etc., catalogação de bibliotecas, continuação de obras bibliográficas, estão a cargo de brigadas de intelectuais desempregados, os quais devem ser dominados pela idea constante do bem comum, espírito de solidariedade, de camaradagem.

A nova lei da ordenação do trabalho nacional (Gesetz zur Ordnung der nationalen Arbeit) promulgada em Janeiro do corrente, a qual entra em vigor no dia 1 de Maio, deve-se sobretudo ao esforço do Conselheiro de Estado e dirigente da *Frente do trabalho alemão* Dr. Ley e do Ministro da Economia do Reich, Dr. Schmitt. É de tôdas as leis promulgadas no primeiro ano do govêrno nacional alemão, a que mais revolucionariamente se afasta da ideologia antiga e faz assentar o trabalho em bases novas.

A lei assenta em três princípios fundamentais: a direcção e a responsabilidade são inseparáveis; os donos da empresa, os seus empregados e operários estão intimamente ligados ao destino da mesma; todos os contratos, regulamentos e acôrds devem ser dominados pelo espírito de honradez e dignidade. Nesse sentido, o dono da empresa terá sempre em vista, colaborando com os seus empregados e operários, o bem do povo e do Estado e dos que trabalham ao seu serviço; estes por seu turno devem-lhe a maior lealdade.

Nas empresas, com vinte empregados, pelo menos, há um conselho, chamado de confiança (Vestruuensrat), de que fazem parte representantes destes. Compete-lhe sobretudo, intensificar e solidificar a confiança dentro da empresa, aconselhando as medidas que tendam a melhorar a prestação de serviço, a execução das condições gerais de trabalho e em especial de ordem e protecção da empresa, fortalecendo os traços de união entre todos que a constituem. Só pode ser

espontaneidade, em que se fundem a realidade, o sonho, as descrições da natureza e o mundo da

membro do conselho quem tenha pelo menos 25 anos de idade, um ano ao serviço ou na exploração da empresa; dois anos no mesmo ramo profissional ou afim, esteja na posse dos seus direitos de cidadão; pertença à *Frente do trabalho alemão*; se distinga pelos seus méritos e dê garantias de que está sempre pronto a servir o Estado Nacional. O dirigente da empresa, de acordo com o chefe da respectiva organização celular nacional-socialista, organiza em Março de cada ano, uma lista dos membros de conselho e seus substitutos que é sujeita à votação secreta dos empregados e operários. Não sendo possível por este meio constituir-se o conselho, pode o fiel (*Treuhänder*) nomear os membros de que êle careça, para o seu funcionamento. O conselho pode ser convocado pelo dono da empresa, ou quando metade dos seus membros o requeira. Serão criados tribunais de honra que resolvem conflitos graves, como exploração dos empregados e operários, ofensa da sua honra, perturbação da disciplina, divulgação de segredos do negócio, etc. Os actos não serão julgados só em si, mas também pelas intenções, com que foram praticados. Medidas especiais de protecção são asseguradas aos operários, quando seja despedido injustamente, ou sem que a situação financeira da empresa justifique tal procedimento. O dono da empresa pode ser forçado pelo tribunal a revogar a sua ordem, ou a pagar-lhe uma indemnização.

Para as grandes empresas serão nomeados fiéis (*Treuhänder der Arbeit*).

Está a seu cargo especial a manutenção da paz no trabalho; são êles os delegados especiais do governo, competindo-lhes informar assiduamente o Ministro do Trabalho e do Comércio da ordem interna política e social da em-

fantasia. Obra ao mesmo tempo romântica e realista, é uma jóia literária, que só poderia ter sido

prêsa, desempenhar as missões especiais de que superiormente sejam encarregados e podem ser assistidos dum conselho de peritos.

O princípio que informa tôda a lei, é de que a capacidade de trabalho humano não é uma mercadoria venal, mas sim uma missão social, um valor moral e que a economia, a fábrica e a oficina estão acima do conceito burguês da propriedade. A máquina e a oficina pertencem tanto ao trabalhador como aos donos da emprêsa. (Vid. Frankfurter Zeitung, de 17 de Janeiro de 1934, onde vem transcrita a lei na íntegra).

No discurso *Ao trabalhador alemão*, preferido em Mühlheim do Ruhr, em 4-III-933, pelo vice-chancellor V. Papen, acentua êle, como é nefasta a preocupação dos operários em quererem fazer seguir aos filhos uma profissão académica, quando nada mais perigoso há para a existência de um povo e para e sua alma de que um proletariado intelectual que depois de tantos anos de estudo não encontra ocupação na vida. «Devemos lembrar-nos, continua o orador, de que cada classe tem o seu valor, de que um bom mecânico, vale bem mais do que um médico inferior, do que um competente serralheiro de máquinas angaria mais facilmente o seu pão, do que tantos advogados a morrerem de fome nos seus escritórios. O maior crime que se comete contra um homem, é dizer-lhe que é proletário. Todos podem ser senhores, mesmo o mais simples trabalhador e o mais modesto camponês. As virtudes que competem a um homem livre não consistem em exterioridades, mas num pensamento recto e justo, com a consciência do cumprimento do dever, executando para o bem do povo o que dêle se exige. Querer protelarizar o povo alemão, é querer assassinar um povo de

escrita por um espírito recto, profundamente nacionalista, cheio de amor à terra, a Deus e ao próximo.

Em algumas delas transparece um conceito moral, expresso sem pretensões como *Na primeira hora da manhã*; *No Alfaiate de Osterwyk*, em que exalta a dor como purificadora das almas (Der Schmerz wurde zur Hoheit und das Leid wurde zur Heiligund) e a bondade divina que se mostra às vezes em condições bem estranhas.

corpo e alma. Ai da Alemanha, se nela existisse uma camada de homens livres, à qual se contrapusesse uma massa amorfa de escravos!

«Tal situação seria bolchevismo puro. Lançai os olhos para a Rússia — perguntai se lá um trabalhador é um homem livre, se os bens da nação lhe pertencem. Um pequeno grupo de dominadores exerce incondicional violência sôbre todos os valores económicos, trata o trabalhador como mera mercadoria.

¿Melhorou, porventura, a sorte e a existência do trabalhador, ainda que os juristas lhe digam que os jazigos de de carvão pertencem ao Estado e que nêles tem a sua cota-parte?», *ob. cit.*, pág. 88-89.

III

Thomas Mann. Ernst v. Salomon

Poderá parecer à primeira vista estranho que na história do movimento nacionalista se não possa omitir o nome de Thomas Mann, o conhecido orador, político e homem de letras, autor de obras de inegável mérito, de que destacarei o famoso romance, *Buddenbrooks*, o qual mais do que a história duma família burguesa, é o espelho fiel duma época de decadência. T. Mann é hoje inimigo declarado do regime em que ideas nacionalistas encontraram realização totalitária; está ao lado do velho partido social democrático; foi excluído da Academia prussiana de Letras, depois da sua recente reorganização dentro dos novos princípios nacionalistas; exilou-se com os emigrantes políticos que não quiseram reconhecer o novo estado de coisas.

O que é certo, porém, é que com o seu livro *Considerações de um não político* (*Betrachtungen eines Unpolitischen*, Berlin, Fischer Verlag, 1932)

Th. Mann atraiu para o movimento conservador muitos adeptos. A obra escrita durante a Guerra, procura fundamentar as razões históricas do espírito e da consciência alemã, libertando-a da esfera de acção da cultura francesa. Defende com entusiasmo uma forte organização do Estado, uma Alemanha poderosa, livre de influências estranhas e desnacionalizadoras. O internacionalismo libertário repugna-lhe, pois tôda a arte está em íntima relação com a vida nacional.

A palavra *democrático* parece-lhe estranha e mesmo desagradável; repele-a, porquanto nunca o Estado de mecânica democrática do ocidente se poderá aclimatar na Alemanha. Se se quiser germanizar o têrmo, em vez de democrático, diga-se *popular*. Popular, no sentido alemão, quer dizer livre interna e externamente, mas liberdade não é equivalente, a igualdade. Não há qualquer dúvida sôbre a Alemanha como *res pública*; agora a Alemanha, como república, contrato social, govêrno popular democrático; o alemão como jacobino e *citoyen vertueux*, com carta de civismo na algibeira, isso seria um horror, ou antes representaria o desaparecimento da Alemanha. O alemão foi sempre livre e desigual, isto é, aristocrático (1).

A forma do govêrno que Mann defende, é a monarquia, por oferecer garantias de liberdade política, tanto no campo espiritual como económico.

(1) *Ob. cit.*, págs. 256-257.

Foi a monarquia, por estar liberta de interêsses de dinheiro, que deu aos alemães uma verdadeira política social. Odeia a organização parlamentar e partidária que envenenou com a política tôda a actividade nacional (Ich will nicht die Parlaments- und Parteiwirtschaft welche die Verpestung des gesamten nationalen Lebens mit Politik bewirkt (1)).

Dirige os seus dardos contra a democracia que significa o domínio da política, a qual por seu turno implica um mínimo de objectividade. O técnico, o não político, cede o lugar ao advogado, ao jornalista, ao literato retórico. Democracia pressupõe ódio, o inextinguível e violento ódio republicano, contra tôda a ponderação e autoridade, inimigo não apenas da tradição, dos privilégios de nascimento, mas da superioridade em qualquer campo. Indigna-se com os literatos radicais, a que chama *Zivilisationsliteraten* e em que é figura marcante o seu irmão Henrique; ridiculariza-os por aspirarem a constituir um Estado para romancistas (Staat für Romanschriftsteller) « Desde a primeira hora, o radicalismo literário, como era próprio de *libres penseurs e esprits forts*, tomou automaticamente o ponto de vista da entente, dos representantes da civilização ocidental; as suas simpatias não podem deixar de ser para as tropas dos aliados do ocidente; por êles bate o seu coração; pela Alemanha só bate indirectamente, isto é no sen-

(1) *Ob. cit.*, págs. 242-243.

tido de que com todo o ardor da sua alma, só desejam a derrota alemã, a sua capitulação, para ser incorporada na democracia mundial». (Für sie schlägt sein Herz — für Deutschland schlägt es recht indirekt: in dem Sinn nämlich nur, als er mit seines Herzens ganzer Inbrunst die deutsche Niederlage wünscht (1)).

A democratização da Alemanha, palavra querida dos literatos, significa desnacionalização (Entdeutschung). Por isso, não lhe pode dar a sua solidariedade.

Tôda a obra invectiva a democracia ocidental, a política do burguês retórico e mostra a sua ardente fé nacionalista, concluindo com estas palavras patrióticas de Wieland: «¿Qual é o alemão, em cuja alma brilhe ainda um lampejo de sentimento nacional, que poderá tolerar a idea de um povo estrangeiro se atrever a impor-nos, de armas na mão, uma ideologia política, destruidora de tôdas as nossas relações familiares e sociais? E isto na época, em que só apregoam os direitos do homem, a liberdade, a igualdade e a fraternidade universal..... Fiel às minhas doutrinas, expostas publicamente durante mais de 35 anos em que me empenhei, como escritor, em estimular tudo que contribuisse para o bem geral da humanidade, não deixarei de combater com tôda a fôrça emquanto fôr necessário, as ideas falsas, confusas

(1) *Ob. cit.*, pág. 24.

e perturbadoras da liberdade e igualdade, as máximas, declamações e associações que proclamem a anarquia, a revolta, a destruição da ordem burguesa, a instauração da nova religião política dos francos do ocidente, na certeza de que terei ao meu lado, os verdadeiros patriotas alemães, amigos do seu povo e da civilização » (1).

*

Na exposição das ideas nacionalistas, sobretudo na sua fase inicial, não devem deixar de ser incluídas duas obras, literariamente de primeira cate-

(1) *Ob. cit.*, págs. 629-630.

Tomas Mann não desceu nunca à indignidade de no estrangeiro atacar a pátria. Ainda recentemente, tendo accedido a colaborar na revista *Sammlung*, publicada em Amsterdão por um filho Klaus Mann, sob o patronato do seu irmão Henrique, André Gide e Aldous Huxley e em que colaboram alguns dos inimigos mais encarniçados do governo hitleriano, veio a público declarar que fôra iludido sobre o carácter da revista, a que só dera a sua colaboração, por julgá-la puramente literária. Esta digna atitude foi muito bem acolhida na Alemanha, tendo o director da revista literária nacionalista, *Die Neue Literatur*, o poeta Will Vesper, apelado para que êle que tantas vezes se colocou ao lado da verdade (Er hat so oft als ein Kämpfer für die Wahrheit aufgestellt) desfaça tôdas as calúnias que ofendem o povo. (Vid. *Die Neue Literatur*. Leipzig, Avenarius Verlag, Fasc. II, Nov. de 1933, págs. 655-656).

goria, — *Os Banidos* (Die Geächteten) e *A Cidade* (Die Stadt) de Ernesto v. Salomon.

Ninguém, como êste precursor da revolução alemã, da qual hoje em parte está afastado, conheceu por estar com elas em contacto íntimo, tôdas as correntes revolucionárias activistas dos últimos doze anos. Tendo convivido com os sectores mais diversos, desde os comunistas aos nacionais-socialistas, tendo tomado parte na expedição de voluntários às províncias bálticas, nas lutas da Alta Silésia, na libertação de presos, no assassinio de Rathenau, pelo que foi condenado a cinco anos de penitenciária, de tudo dá conta na sua primeira obra, onde minuciosamente e com objectividade notável descreve as peripécias da sua vida agitada, característica do nacionalismo romântico. Com inegável talento, revela o mundo interior dêstes jovens, dominados de amor pátrio, espírito de aventura e por vezes de sentimentos menos elevados, para os quais a Guerra devia continuar indefinidamente. Podem, sem favor, considerar-se modêlo de estilo narrativo, as suas descrições da entrada das tropas em Berlim, das lutas no Báltico, o seu regresso à sociedade, depois de tantos anos de prisão, etc.

Citarei três passos que me deixaram impressão mais viva.

« Oh! meu Deus. Que aspecto apresentam estes homens! ; Que vemos nós em marcha?

« Faces emmagrecidas e imóveis, sob o capacete de aço, membros esqueléticos em movimento, uni-

fôrmes andrajosos e cobertos de pó. Caminhavam passo a passo e à volta deles formava-se um vácuo indefinido. Era como se os envolvesse um círculo mágico, no qual fôrças misteriosas, invisíveis aos olhos dos profanos, exerciam a sua acção secreta. ; Não estão êles dominados por visões tétricas; não sentem no cérebro a confusão das batalhas estridentes, não trazem ainda nas fardas a lama e o pó das trincheiras? Espectáculo desolador era êsse!

« Marchavam, como se fôsem manequins da morte, do terror, da frialdade gélida, da solidão.

« Aqui era o seu lar; esperava-os um agasalho quente, a felicidade, mas porque se calavam, porque não gritavam alegres e sorridentes? Mais uma companhia avançava; a multidão afastada pela marcha furiosa, implacável e dominadora dos primeiros grupos, voltava a reünir-se, mas a soldadesca, como cega, irrompia no seu cadenciado passo, apressada, concentrada, indiferente aos mil desejos e saudações que à sua volta se esboçavam. Dos canos das espingardas de alguns caíam suspensos pequenos ramos de flores emurchecidas; de outros eram portadoras as raparigas que trémulas, confusas, estáticas, de olhar angustiado, não se atreviam a dá-los aos soldados. Ouviam-se clamores isolados que pareciam vir de gargantas enrouquecidas: « ; Os nossos heróis, os nossos heróis! » De quando em quando acenava-se com os lenços, mas os heróis passavam alheados do que viam em volta, com os ombros inclinados

para a frente, o elmo quási caído para a testa, sob a pressão das grandes mochilas; o suor corria-lhes pelas faces ressequidas; os narizes afilados davam-lhes um estranho aspecto. Não havia bandeiras, nenhum emblema da vitória. Vinham, por último, os carros das bagagens. Era isto o regimento inteiro.

«Ao ver essas faces cadavéricas, êsses rostos duros, como se fôsem talhados de madeira, êsses olhos estranhos, mesmo hostis à multidão, apavorei-me, por verificar que tudo era muito diferente, do que eu pensava, do que pensávamos os que aqui estávamos. ¿Que sabíamos nós deles? Dos nossos soldados. Nada, absolutamente nada. Oh! meu Deus, como isso era horrível!.....» (1).

.....
 «A fôrça violenta, que nos impeliu para esta região, para esta Guerra, para estas longínquas paragens, em cujos campos de batalha agora silenciosos, se ouviam ainda tiros perdidos, irrompia em todo o seu vigor, prendendo-nos aos valores que nos pareciam sagrados, determinando o caminho em que confiávamos e de cujo êxito estávamos seguros. Não conhecíamos nenhuns problemas: o mundo parecia-nos simples e aberto; os nossos pais tinham-no feito com o seu trabalho; a nós como ricos herdeiros, cumpria desenvolver o que

(1) *Die Geächteten*, Berlin, 1933, Rohowolt Verlag, págs. 29-30.

fôra transmitido por mãos tão fiéis. Tínhamos aprendido a cumprir os nossos deveres e a estimar os nossos direitos. Não houve prova, a que não nos sujeitássemos e a geração que em 1914, com o delírio da Guerra nela se lançou, julgava ver nas tempestades que se aproximavam pardacentas do horizonte, a fôrça purificadora, o destino sagrado, a indicação da nossa missão histórica que nos deu a consciência do íntimo valor, da substância inalterável do alemão». (unseres inneren Wertes der unwandelbaren Substanz des Deutschen ganz bewusst zu werden).

«Não havia que ocultar. Tudo era entusiasmo, brilho, heroísmo e os trofeus da vitória eram acompanhados por ondas impetuosas e invencíveis da multidão, pelo povo inteiro. E de repente, tudo isto desapareceu! Sombrios e misteriosos espíritos pairavam sôbre a pátria; dos muros do Reich, caiu em muitos pontos a caliça enganadora, pondo a nu a pedra áspera; um dedo sinistro traçava à sua volta linhas sangrentas! (1).....

«Aspirava insofrido ao primeiro contacto com as massas humanas; estava ávido de movimento, de agitação, de ver as ruas e o mercado. O combóio parou na gare da estação. Atravessei despreocupado a sala de espera e parei na praça contígua. Os automóveis que passavam, a actividade

(1) *Ob. cit.*, págs. 103-104.

da multidão, as construções, tudo me parecia familiar, a-pesar-da minha ausência de cinco anos.

« O que me aterrava e gelava de *pavor* eram os homens. Não tinham fisionomia ou se a tinham, era em todos igual. Davam-me a impressão de lhes faltar a consciência do espaço e da distância. Andavam sem alegria, como máquinas muito limpas, bem tratadas e activas, frementes de vitalidade, mas que nem por isso eram vivas.....

.....
 « Encontrava-me solitário no meio dos homens, receoso que soubessem donde vinha, com o desejo intenso de voltar à minha cela, ao isolamento, ao sossêgo monótono, ao esquecimento. Estava em frente da minha casa, mas ao tocar à porta, apoderou-se de mim um mêdo enorme, indescritível. Felizmente que ninguém abriu; vagueei pelas ruas; entrei num pequeno café e ali estive sentado muito tempo, triste e amargurado » (1).

Na *Cidade*, em comparação com os *Banidos*, o particular passa a segunda plana.

Iversen, o herói do romance, a que melhor caberia a designação de crónica da época presente, é um sonhador apaixonado, mártir das suas ideas, fogoso patriota, símbolo das aspirações dos que acima dos partidos procuram servir a nação.

Entre capítulos de verdadeiro interêsse, como aqueles em que descreve o levantamento dos cam-

(1) *Ob. cit.*, págs. 479-480.

poneses do Holstein, intercala considerações largas sobre a cidade, a grande cidade e em especial, Berlim, agitada pelos movimentos políticos mais opostos, como nacional-socialismo, acção católica, comunismo, cujas doutrinas em discussão com os seus representantes refuta, para concluir que a revolução não está feita, sem que seja removida tãda a autoridade burguesa (mit der bürgerlichen Herrschaftsform aufzuräumen). Ao mesmo tempo, traça o seu próprio destino entre dois mundos, o rústico e o citadino. Naquêle, procura o apoio a âncora, a que se agarra, em cuja fôrça confia para a realização futura dos seus ideais (ich weiss dass in ihnen die stärkste Kraft des Landes ruht); a êste está preso fortemente e não vê outra solução, senão destruí-lo, para reconstruir um novo mundo. Torna-se necessário ir de casal em casal, de homem para homem, sempre pronto a servir a nação e a combater tudo que a prejudique.

Armados até o coração, temos de nos armar até os dentes (Es ist notwendig für uns die wir gerüstet sind, bis ans Herz, uns zu rüsten bis an die Zähne (1)).

O livro, que não foi muito bem acolhido nos sectores nacionais-socialistas pelo seu extremismo revolucionário, chegando a revista *Die Neue Literatur*, a censurar a casa editora Rohowolt por tê-lo editado, tem vibração e interessa o leitor pelo des-

(1) *Ob. cit.*, pág. 388.

tino do herói, êsse agitador que morre atingido por uma bala na rua, em plena revolução (1).

(1) A simpatia e interêsse dos literatos de feição nacional-socialista vai para o campo, para os encantos da natureza, da vida rústica. A cidade é o ídolo dos que não têm Deus e alma, diz Frederico Schnack, que em louvor das aldeias compôs o belo soneto seguinte :

Ihr Dörfer, voll des Mittags hoher Sommerstille,
An Teichen, wo die zärtlichen Vergissmeinnichte erster Herzen erblühen :
Ihr seid ferne der Städte, Bergwerke, der Kasernen Mühen,
Euch gilt noch der Gott, Sorglosigkeit der Falter und der unbeschwichtigten
[Grille.

An euern Himmeln stehen am Abend auf ungetrübte Gestirne,
Ihr Dörfer, umsummt von der blauen Wärme der Tage,
Inseln der uralten Brunnen, Horte geflüsterter Kreuzwegsage,
Ihr Dörfer, Wälderbrauen sinnen auf euers Hügel sanftgefeuchteter Stirne.

Liegend im Schlummer der Urwelt, atmet ihr Duft triefender Honigwaben,
Leuchtend enthüllt euch, Traumdächer, Nebel der Sonnenaufgänge,
Durch eure Tore hastlose Schritte einfältiger Tiere traben.

Zeitlose Zeiten umgrünen euch scheu schimmernd, euch lieben die schwermu-
[tigen Hirtengesänge,
Mohnrot weilen in Gärten Gesichte, lodert verborgne Mariapassion,
Unter dem süssesten Wipfel braust fröhlicher Wein, goldet der Fabeln dun-
[kler Insektenton.

(Sörgel, Dichter aus deutschem Volkstum. Dichtung und Dichter der Zeit, Leipzig, 1934, Voigtländers Verlag, págs. 167-168).

IV

O nacional-socialismo. Seus reflexos culturais

O movimento do nacional-socialismo, última expressão do moderno socialismo alemão, diferenciava-se dos movimentos anteriores, porque embora todos aspirassem a uma ordem de vida colectiva, o que é certo é que estavam ainda muito presos a grupos restritos; a sua acção limitava-se ao círculo estreito dos seus partidários. É uma revolução totalitária do povo alemão que conseguiu estabelecer a unidade nacional, expressão da vitalidade de uma Nação, a que os infortúnios só deram mais vigor e possibilidades de futuro; é uma renovação da mentalidade de costumes, de aperfeiçoamento moral e cívico, que, para me servir da frase de V. Papen, concilia o princípio da democracia com o da aristocracia, pois sem o princípio aristocrático, não existe cultura, estado ou afirmação de valor próprio; não se pode conceber nada de divino no homem(1).

(1) Franz V. Papen, *Apell an das deutsche Gewissen*,

Estaria fora do plano do [meu estudo, a exposição da doutrina do nacional-socialismo que procuro sobretudo focar no seu aspecto literário, tanto mais que as publicações que dêle se ocupam, são inúmeras. Limitar-me-ei a indicar para a compreensão de movimento de tal grandeza, talvez único na história, a conhecida autobiografia de Hitler, *Mein Kampf*(1). Não aspirando a ser uma exposição teórica, científica de princípios, dá-nos indicações preciosas dos métodos de trabalho do chefe do partido; sôbre a sua vontade tenaz, intuição rara das qualidades nativas do alemão, da classe média que procura defender-se contra a decadência social e a proletarização, consequência da Guerra; mostra a autoridade ilimitada que inspira a sua fé, a sua participação nas lutas políticas, a disciplina que se impunham os membros do movimento, verdadeira cruzada sem carácter de associação secreta, que com a consciência da sua missão confiam absolutamente no êxito dos seus esforços para a conquista do poder, que na sua crença fanática na necessidade da vitória proclamam o uso da fôrça, da violência na extirpação do mal, pois as complacências para com o inimigo só se traduziram no triunfo do marxismo, na certeza de que uma idea grandiosa

Reden zur nationalen Revolution, Oldenburg, i O. Gerhard Stalling.

(1) Adolf Hitler, *Mein Kampf*, xxix Aufl, 1933. München, Eher. Nachfolger Verlag.

e fecunda em todos os tempos pressupõe fôrça e energia (Kampfkraft); revela-nos as ideas lúcidas e precisas de Hitler sôbre os grandes problemas administrativos e sociais, educação da mocidade que lhe merece particular cuidado, fortalecimento da vontade, espírito de resolução, orgulho da responsabilidade; sôbre a arte de propaganda, que só vale quando sincera, meio indispensável de conquistar os corações das grandes massas (1); sôbre a defesa da raça, em que dá largas ao seu anti-semitismo, pois, em seu entender, é o judeu o grande perturbador da unidade nacional (So ist der Jude heute der grosse Hetzer zur restlosen Zerstörung Deutschlands); em-fim, sôbre tôdas as questões que à nação interessam.

Mais do que a obra de um autor, é, por assim dizer, o documento expressivo das aspirações nacionais. Nada esclarece tanto, diz Ernesto Posse, o espírito do nacional-socialismo, como o final de *Der unbekante S. A. Mann*, de Goebbels, de que transcrevo parte:

«¡Erguei-vos, jovens aristocratas duma nova classe de trabalhadores. Sois a nobreza do terceiro Reich. ¡O que semeais com o vosso sangue, fruti-

(1) O alemão não esquece, li algures, que uma luta contra um exército vermelho, contra ideas dissolventes, é mais luta contra bacilos do que contra balas. Por isso, as armas a adoptar na defesa do Estado são mais do que tudo a propaganda das boas ideas.

ficará em colheita magnífica! ;Cerrai os punhos!
;Desenrugai a fronte! ;Servi e trabalhai!

«;A luta será decisiva para a aristocracia!
;Destruí a igualdade da democracia que entrava
ao trabalhador o caminho para a sua missão his-
tórica!

«;Democracia é o suicídio da inteligência e do
braço! ;Protestai contra a igualdade! ;Defen-
dei-vos de ser colocados no mesmo pé de qualquer
insignificante! Foi por assim ficarem parados trinta
milhões de palermas que se iniciou o reinado eterno
de Ashavero. ;Não ladeeis os assuntos! Explicai-
vos claramente: Somos anti-democráticos, porque
descobrimos em nós a nobreza duma nova época.

«Hoje somos poucos, hoje domina sôbre nós o
espírito que odiamos e negamos. Hoje triunfa a
nobreza do dinheiro, sôbre a nobreza do trabalho.
;Sacrificai-vos! No sacrificio se forma o jovem
aristocrata. ;Mantende a disciplina!

«De poucos faz um batalhão.

«;Sede fanáticos! Se nós temos a razão — e
nisso acreditamos com tôdas as veras da alma — é
porque os outros a não têm. Acreditai-me: tôda a
nação olha para nós. Berlim tornou-se o centro da
luta. Se conseguirmos neste deserto de asfalto,
destruir a peste vermelha, a nossa acção será
imortal(1)».

(1) Ernst Posse, *Die Politischen Kampfbünde Deutschlands*, Berlin, Junker & Dünnhaupt Verlag, pág. 44.

Obras essenciais para o estudo dos fundamentos científicos do nacional-socialismo são as seguintes:

O *Mito do século xx* de Alfredo Rosenberg (Der Mythos des 20 Jahrhunderts. Eine Bewertung der seelisch-geistig Gestaltenkämpfe unserer Zeit, 3. Aufl., München, Hoheneichen-Verlag, 1932); *O Estudo rácico do povo alemão* de Hans F. K. Günther (Rassenkunde des deutschen Volkes, 14 Aufl. München, Lehman, 1930); *Paísagem e Alma* de Ewaldo Banse (Landschaft und Seele, Neue Wege der Untersuchung und Gestaltung, München, Oldenburg, 1928); *Nova nobreza de sangue e de terra*, de Walter Darré (Neuadel aus Blut und Boden, München, Lehman, 1930).

Assim como para Lenine, tãda a história é uma luta de classes, para Rosenberg o conceito dominante é a alma da raça, como foi compreendida já por Gobineau e Chamberlain; a ela se deve subordinar a organização do estado alemão em que prevaleçam as suas qualidades rácicas, em oposição ao judaísmo, à democracia e mesmo ao espírito cristão (1).

(1) Adiante referirei alguns caracteres da produção literária actual que vão buscar directamente a sua origem aos princípios do nacional-socialismo. Vem neste momento, porém, a propósito pôr em relêvo que um dos autores, em que primeiro se manifestou com mais vivacidade esta ligação ao solo pátrio, êste culto pelas qualidades rácicas do alemão é Hermann Burte no seu romance *Wiltfeber*, Der ewige Deutsche, aparecido durante a Guerra, o qual constitui, por assim

O trabalho de Günther é mais compreensível, analisa com grande erudição os caracteres dos cinco grupos rácicos do povo europeu (nórdico, ocidental, oriental, dinárico e báltico-oriental) na sua história, pré-história e relações de raça e língua. O geógrafo Banse, de todos o de maior categoria científica, parte da paisagem, da acção modeladora do espaço; das relações que existem entre as qualidades específicas dos povos e o meio ambiente, a

dizer, uma confissão religiosa, social e política. Nêle domina a idea de raça, abastardada por influências e contaminações estranhas, pela fraqueza dos governos, pelas ideas marxistas de igualdade e até por uma religião estranha.

«O povo alemão, diz êle, perde a sua raça e o seu Deus (entrasst und entgottet, von einer fremden Rasse unterworfen einem fremden Gott): é preciso que com o auxilio das fôrças eternas, existentes na sua terra, na sua história e no sangue dos seus melhores homens, se purifique e dê origem ao alemão do futuro, ao super-homem (dem deutschen Übermensch).

«O herói vê-o o povo instintivamente no mais forte e atilado e no de melhores qualidades (den stärksten, klügsten und besten); daí a sua admiração pela fôrça física e o interesse que lhe merecem os jogos ginásticos. Funções verdadeiramente criadoras são as do camponês, do guerreiro e homem de letras. (Vide Hellmuth Langenbucher. *Volkhafte Dichtung der Zeit*, Junker und Dünnhaupt Verlag, pág. 45). Cfr. o livro de Bergmann, a *Igreja nacional alemã*, recentemente posto pelo Santo Officio no «index», como a citada obra de Rosenberg, em que o racismo toma o character duma religião nova, em substituição do cristianismo, considerado criação da cultura semítica e romana, contrária à cultura germânica.

paisagem e o clima, apresentando como fundamento de toda a actividade geográfica os três conceitos: paisagem, raça e cultura. (Das Gebilde jeder geographischen Tätigkeit bilden drei Begriffe: Landschaft, Rasse und Kultur). Vê êsses três conceitos em conjunto; parte dêles todos, para chegar a descobrir o conceito da alma da paisagem.

As conclusões, a que chegam as três obras referidas, são aproveitadas por Darré, actual Ministro da Agricultura do Reich que especializado em questões agronómicas e de zootecnia, dirigente da secção agrária do N. S., se propõe fomentar uma nova nobreza de trabalho, vendo no camponês a fonte de vida das raças nórdicas. Conquanto as suas teorias tenham sido classificadas de paradoxos, o que é certo é que provocaram muitos trabalhos de eugénica; em Munich foi criada uma repartição que se ocupa dêsses assuntos (Rassenamt). (Vid. W. Darré, Das Bauertum als Lebensquell der nordischen Rasse, J. F. Lehmanns Verlag, München).

Deverei, por fim, indicar as obras de Carlos Schmitt que mostram como a revolução nacional é profunda e não pode ser classificada de simples delírio patriótico e que constituem a crítica mais séria feita ao sistema parlamentar.

São elas: *A situação histórica do actual parlamentarismo*. (Die geistesgeschichtliche Lage des heutigen Parlamentarismus, 2 Aufl, München, Duncker & Humblot, 1926); *O Conceito do político* (Der Begriff des Politischen. Mit einer Rede über das

Zeitalter der Neutralisierung und Entpolisierung, München, 1932); *O Guarda da Constituição* (Der Hüter der Verfassung, Tübingen, Mohr, 1931).

O princípio, que domina todos os escritos de Schmitt, é que os conceitos políticos são conceitos teológicos secularizados que nos últimos quatro séculos passaram do teológico ao metafísico, daí ao moral-humano e por fim ao económico, terminando esta evolução pela queda do estado burguês, liberal.

A idea do parlamentarismo, de que os homens se convencem por meio de discussão pública, é contrariada pela luta das classes. Num conflito entre a autoridade e a anarquia, quem decide de que lado está o interesse público, de modo que se possa actuar em nome do direito? Êste *veredictum*, de quem é amigo ou inimigo do Estado, é de natureza puramente política (Sie ist die politische Entscheidung überhaupt), da mesma maneira que o juízo sobre o bem e o mal é de natureza moral. A idea contrária é pura ficção burguesa para Schmitt, pertencendo ao presidente do Reich, ao qual está subordinada toda a organização do Estado, e sua defesa, resolver a questão, pois é êle que representa a vontade do povo, o verdadeiro e legítimo democrata que mantém a unidade do Estado perante o parlamento e a multiplicidade dos interesses de grupos que o ameaçam. Schmitt traça o quadro do estado totalitário que faz de todos os problemas sociais e económicos problemas de Estado e imediatamente políticos, que em todos êles não pode

ficar aparentemente neutral, o que não significa que não haja questões da vida particular ou cultural que não devam ter o seu âmbito de acção própria, mas com a limitação de estarem sempre sujeitos à fiscalização do Estado que deixa de ser assim qualquer coisa de abstracto, para tomar um carácter prático de renovação e integração, restituído à sua missão própria de soberania e autoridade política (Herrschaft zu sein und die konkrete politische Entscheidung zu fällen) (1).

*

Todo o movimento político, de certa grandeza, pressupõe um fundo de natureza ideológica e social, ao qual vai buscar a sua seiva e por isso a sua

(1) W. Herrmann, *ob. cit.*, págs. 41-42.

Na exposição das modernas correntes nacionalistas, não se pode omitir o nome do representante literário do conservantismo católico austríaco, Ottmar Spann.

Na sua obra *O verdadeiro Estado*, prelecções sôbre a Ruína e a Reconstituição da sociedade (Abbruch und Neubau der Gesellschaft, II. Auflage, Leipzig, Quelle & Meyer, 1931), interpreta tôdas as questões políticas por uma opposição entre individualismo e universalismo. No primeiro, vê a origem da ruína do Estado e da economia, a origem do capitalismo, liberalismo e cosmopolitismo; no segundo, na teoria da totalidade, a nova concepção orgânica do Estado, o caminho da renovação. Os homens são compreendidos, não na sua separação individual, mas nas suas relações entre si. (Vid. W. Herrmann, *ob. cit.*, pág. 25).

acção estende-se aos sectores mais variados da vida, da ciência e da cultura. O sentimento nacionalista, por um lado preconizado em obras de alto fôlego, como as que acabo de mencionar, por outro, tendo encontrado a sua expressão num govêrno forte, com uma orientação bem vincada, ideas definidas, o qual representa a vontade, quasi se pode dizer unânime da nação, não podia deixar de afectar a ciência, em especial, a sociologia, a história, a pedagogia e até mesmo as ciências da natureza, a arte e a literatura (1).

O quadro da actividade literária da Alemanha, nos anos que precederam e sobretudo nos que se seguiram à guerra, era bastante desolador. Ouçamos o que em 1921 nos diz o crítico Adolfo Bartels: «A revolução alemã de 1918 foi feita, como é sabido, pelos sociais-democráticos independentes com dinheiro russo, sendo os seus principais dirigentes judeus. Não teria sido ela possível, se não tivesse falhado a acção dos círculos governativos e tôda a burguesia. Ainda hoje estamos convencidos

(1) Na famosa resposta de Rudolfo Binding, a Romain Rolland, o acusador público da nova Alemanha, acentua o autor o carácter religioso da revolução nacional-socialista que o mundo não compreendeu, o seu significado histórico: trata-se de alguma coisa mais do que uma simples mudança de governantes, do que uma nova experiência de govêrno. (Vid. R. Binding, *Antwort eines Deutschen an die Welt*, Roethen and Lœning Verlag, Frankfurt. A. M. 1933).

de que a Grande Guerra poderia ser a salvação do povo alemão, mas para isso impunha-se esclarecer o público da necessidade das rigorosas medidas adoptadas e quebrar a miserável organização partidária, acabando com o domínio de Mammon... Se o povo alemão fôsse o que era dantes, num violento esforço, teria repellido as condições de Wilson e talvez conseguisse salvar o Reich, mas nem o imperador, nem os principais ministros e dirigentes militares estavam à altura da situação. Por isso, sem resistência, a revolução triunfou, os tronos aluíram; o exército destroçou-se e a população submeteu-se... Só muito lentamente se poderá vencer esta decadência; é possível que ainda nos esperem dias muito difíceis, como a bancarrota, a miséria, o domínio do peor proletariado, da escumalha. O melhor trabalhador está ainda preso a preconceitos de classe, com ideas internacionalistas e pacifistas; o poder dos mentores espirituais, na sua maioria judeus, é cada vez maior.

«Nos círculos burgueses ainda domina o liberalismo, cujo único fim foi desde sempre manter o capitalismo, a especulação. Um comunismo autocrático, em íntima afinidade com o bolchevismo à esquerda e o mais grosseiro mamonismo à direita, são o Scila e Carybdes, entre os quais a barca do povo alemão tem de navegar; falta saber se encontrará o capitão e o piloto para esta grande missão. Também há quem duvide se a raça alemã possui

energias para um novo desenvolvimento. Eu, por mim, não sou pessimista, mas não posso, como todo o alemão, deixar de encarar a situação com cuidado» (A. Bartels, *Die deutsche Dichtung der Gegenwart*. Die Jüngsten, 1921, Leipzig, Hansel Verlag, págs. 204-206) (1).

Já em 1901, o mesmo autor, no prefácio à sua *História da literatura alemã*, escrevia sobre a necessidade de fortalecer a consciência nacional, o orgulho da raça, pois não estaria longe o tempo, em que a natureza e a cultura alemã tivessem de passar pela mais dura e difícil prova (2).

Como era inevitável, a literatura havia de sentir os efeitos deste estado de coisas: se para uns, a guerra representava uma afirmação brilhante da vitalidade do destino alemão; para outros, talvez a maioria, o fim duma época vazia, só preocupada com gozos materiais, sensualista, destruidora dos sentimentos da comunidade.

O predomínio na vida cultural de elementos semitas, por êles próprios proclamado, era inegável. Assim o diz sem reholhos Moritz Goldstein, no estudo *Deutsch-jüdisch Parnass*, aparecido no pri-

(1) Sobre a actividade e extensão dos manejos comunistas na Alemanha, leia-se a elucidativa *Denkschrift über die kommunistische Umsturz Bewegung in Deutschland*. Im amtlichen Auftrage, herg. von Verlag, Berlin u. Leipzig, 1933, Walter de Gruyter & C.º.

(2) *Ob. cit.*, pág. 180.

meiro número de Março 1912 da revista *Kunstwart*: « em todos os postos, dos quais não os afastam violentamente, estão judeus; consideram como missão própria o que aos alemães compete; cada vez há mais a impressão de que tôda a cultura alemã vai cair em mãos judaicas. Nós, judeus, dominamos espiritualmente um povo que nos recusa o direito e a capacidade para isso » (1). A imprensa, a crítica, é o mesmo que o afirma, era monopólio judaico, sobretudo nas grandes cidades; o comércio de livros em grande parte pertencia-lhes (2).

(1) In-Bartels, *ob. cit.*, págs. 73-74.

(2) A explicação da decadência literária só pela influência de elementos semitas na vida cultural da nação, parece-me simplista em demasia. Um autor insuspeito, Sörgel, classifica êsse juízo de Bartels de quási cómico. (Sein Urteil mag oft ängstlich eng sein, seine Witterung jüdischen Einflusses fast komisch werden. (Vid. Sörgel, *Dichtung und Dichter der Zeit*, Voigtl. Verlag, in Leipzig, pág. 479).

Ricardo Müller-Freienfels no seu penetrante estudo, *Psychologie des deutschen Menschen und seiner Kultur*, (Beck'sche Verlagsbuch-handlung, München) cuja primeira edição é de 1921, prevê que o predomínio dos judeus na Alemanha virá a criar uma situação extremamente melindrosa, de conseqüências graves. O autor observa os factos com imparcialidade. Reconhece nos dois povos as suas virtudes e os seus defeitos; não lhe repugna mesmo a mistura das duas raças; a seu ver, muitos judeus podem considerar-se representantes do espírito alemão, citando a êsse respeito os *Lieder* de Mendelssohn e de Heine; no entanto, reconhece que a imigração para a Alemanha de inúmeros de judeus do oriente, estranhos ou hostis à cultura do ocidente, explica

O desnacionalismo na literatura não se podia contestar, como de resto em tôdas as manifestações culturais. Predominava o gosto pela intriga complicada, pela linguagem empolada, pelos temas esquisitos, sobretudo perversões; o moral cede o lugar ao material; procura-se o sensacional, o que lisongeia os sentimentos baixos dos leitores: ao nacional, prefere-se o exótico de peor qualidade, o que não quer dizer que não surgissem sintomas de reacção, sobretudo na mocidade e autores de grande valia, fora dessa orientação, como Stefan George, Paul Ernst, e Hermann Stehr, mas não eram êles os preferidos do público.

O nacional-socialismo preocupou-se desde a primeira hora com os problemas do espírito; é não apenas uma revolução política, mas acentuadamente uma revolução espiritual. (*Der Nationalsozialismus ist eine germanische Revolution, nicht nur eine*

um anti-semitismo que não poderia ser provocado pelos judeus fixados de há muito na Alemanha. O problema judaico para êle, é mais um problema cultural do que rácico. Freienfels contesta a existência de raças puras, classifica de devaneios sem fundamento científico, a tese da pureza rácica do alemão e a êsse propósito analisa as teorias de H. F. K. Günther, para concluir que os tipos apresentados pelo autor nada mais são do que tipos fisionómicos; para serem considerados tipos rácicos, seria necessário aduzir a prova histórica de que êsses tipos provêm não da mistura de raças, como é verosímil, mas de crusamentos de indivíduos da mesma raça.

politische, sondern in eben so starkem Grade eine geistige Revolution, (1).

A sua atitude a êste respeito está bem definida na recente reforma da Academia de Letras prusiana. A Academia constituía uma secção da *Preussische Akademie der Künste* que além desta tinha mais duas secções: a da música e artes plásticas. Na revista literária nacionalista, *Die Neue Literatur*, o celebrado poeta, Will Vesper, dirigiu uma campanha violenta contra ela, acusando os seus membros de há uma dezena de anos terem envenenado a literatura com desprezo de tudo o que

(1) Art. de Thilo von Trotka in-*Nationalsozialistische Monatshefte*. München. Eber Verlag, Naf, fasc. 43, pág. 450.

«Tôdas as verdadeiras revoluções, disse-o o vice chanceler von Papen, no seu discurso, o *Sentido dos Tempos*, proferido na Universidade de Berlim, em 23 de Fevereiro do ano findo, são revoluções do espírito contra o mecânico. Por isso, o bolchevismo não é a revolução real do século xx: significa êle apenas revolta de escravos e mecanização da vida. A verdadeira revolução do século que se manifesta por tôda a Europa, é a da personalidade heróica contra tôda a sujeição estéril, contra o aniquilamento da centelha divina e criadora que crepita no homem, contra a mecanização e o colectivismo» (Vid. Franz v. Papen, *ob. cit.*, pág. 14).

«Não é a questão da existência pessoal, acentua Goetz Otto Stoffregen, que pode desempenhar um papel importante em nós que durante quatro anos comemos o nosso escasso pão nas crateras de fogo da frente ocidental». (Vid. *Die Aufgabe der Nationalisten in-Aufruhr*, pág. 9).

havia de sagrado para o povo, sem respeito pelas leis e ligações naturais; com o gôsto por tôdas as perversões, numa atmosfera de sadismo e de bordel, homosexualismo, bolchevismo niilista e snobe. O bolchevismo cultural e o americanismo tinham empestado a alma popular; era preciso destruir essa praga em tôdas as livrarias, como um acto necessário de higiene, tão justificado, como a proibiçãõ da venda da morfina e da cocaína, (als nothwendigsten und billigsten Akt der Reinigung an alle Büchereien dass bis auf weiteres alle bolchewistische, marxistische und jüdische Literatur nicht mehr ausgeliehen werden darf. Auch Morphin und Kokain lässt man nicht in jedem Kramladen verkaufen oder gar verschwenden).

Nessas circunstâncias, impunha-se dissolver a secção e fazer qualquer coisa de novo e limpo. Outro caminho não havia a seguir (1).

No número de Maio da mesma revista (págs. 249-261) define Frederico Hedler quais os objectivos práticos, a que deverá obedecer a Academia de Letras, no artigo — *Die deutsche Dichterkademie, Ihre Idee, ihre sozialen Aufgaben und ihre patriotischen Voraussetzungen*. O autor atribui-lhe, como guarda do património espiritual e moral da Nação, a defesa da cultura, no livro, no jornalismo, na radiofonia, no film, no teatro, nas bibliotecas, de

(1) Etwas Neues, Sauberes, anderen Weg gibt es nicht... Rev. cit., Fasc. 4, Abril 1933, págs. 229-230.

modo que ela seja nestes tempos agitados e difíceis, a verdadeira orientadora da vida do espírito. Cumpre-lhe no domínio do estético e do ético educar o povo, formando-lhe o gosto e o juízo, do mesmo modo que no domínio político lhe é fortalecida a vontade. Entende que na sua organização se deve ter em vista que nunca a maioria abafe o desenvolvimento livre das personalidades fortes, capazes de direcção. Entre outras preocupações, deve-lhe merecer especial cuidado a situação da família dos homens de letras, protegendo-os contra a miséria, por meio de pensões, subvenções, prémios, de maneira que se evite, na medida do possível, a vida de outros tempos do escritor solteiro, boémio, político, frequentador de cafés, vagabundo. Para isso, lembra a criação dum secretariado, ao qual cumpriria reunir todos os elementos para êsse fim e informar-se sobre a actividade dos escritores alemães, idade, formação intelectual, relações de família, participação na vida do estado, profissão, outras aptidões, além das literárias, sua utilização em assuntos práticos, no professorado, em leitorados em Universidades estrangeiras, etc. Defende o Estado contra a acusação que por ventura lhe façam de puritano, filisteu, por querer reformar a vida cultural da nação. A seu ver, é êsse o seu papel: aniquilar o niilismo estético da decadência burguesa, o ídolo da liberdade, a industria livreira, de tendência liberalista, o teatro frívolo e imoral, a influência de ideas exóticas e perniciosas, para dar

lugar a uma vida saudável, cheia de sentido, em que possa vicejar o jardim das letras alemãs (den Wundergarten einer deutschen Literatur). Não há receio de que essa subordinação às altas directrizes do Estado degenerem em mesquinho servilismo político. O levantamento do povo alemão tem um carácter muito especial: há nêle alguma coisa de vivo, sincero, natural, inaudito e historicamente necessário, sem qualquer traço de doutrinarianismo partidário. Por isso, nunca poderá levar a subserviências ou a puritanismos ridículos. Em seu entender, a nomeação dos novos académicos deve competir ao Ministro da Instrução.

As solitações insistentes para a reforma da Academia foram ouvidas pelo Ministro da Instrução do govêrno prussiano, Dr. Rust, que nas declarações à imprensa acentuou que não quis proceder ditatorialmente, mas deixara as coisas correr por si. A *Sektion für Dichtkunst an der Preussischen Akademie der Künste*, que tinha sido criada em 1926 pelo ministro de então, Beck, foi convertida em Academia autónoma, *Deutsche Akademie der Dichtung*, embora sem deixar de fazer parte da Academia prussiana das Artes. Reüniu pela primeira vez em 7 e 8 de Junho do ano findo. Abandonaram-na o presidente Henrique Mann e os sócios Alfredo Döblin, Leonardo Franck, Luiz Fulda, Georg Kaiser, Bernardo Kellermann, Tomaz Mann, Alfredo Mombert, Afonso Paquet, Adolfo Pannwitz, René Schickele, Fritz v. Unruh, Jacob Wassermann,

Franz Werfel. Foram admitidos Werner Bäumelburg, Hans Friedrich Blunck, Hans Carossa, Pedro Dörfler, Paulo Ernst, Frederico Griese, Hans Grimm, Hans Johst, Erwin Guido Kolbenheyer, Agnes Miegel, Börries, barão de Münchhausen, Guilherme Schäfer, Emilio Strauss, Will Vesper, Hermann Claudius, Gustavo Frenssen, Enrica von Handel-Mazetti, Rudolfo Huch, Ernesto Jünger, Isolda Kurz, Henrique Lersch, Jacob Schaffner, João Schlaf e José Magnus Wehner.

Declinaram o convite o dramaturgo Gerhardt Hauptmann e o grande lírico Stefan George.

Se da Academia saíram alguns membros de valia, dentre os quais destacarei Tomaz Mann, Kellermann e Wassermann, o que é certo é que nela entraram as figuras mais representativas da literatura alemã que nas suas produções mais fielmente e com maior elevação souberam interpretar a alma do povo no seu passado e presente.

Os académicos subscreveram um documento, em que asseguravam a sua boa vontade em colaborar na nova situação criada pela revolução nacional (*durch die Umwälzung geschaffene neue Lage*). O nacional-socialismo procurou atrair a inteligência, utilizando-lhe os serviços, a favor da comunidade (1).

(1) Ao contrário de Vesper e Hedler, Paulo Fechter em artigo publicado na *Deutsche Rundschau* (Junho de 1933, págs. 168-171) entende que a independência é a qualidade

«A Academia, na frase de Vesper, não pode ser uma simples Academia decorativa que illumine com fogos de Bengala figuras proeminentes (eine blosse Dekorationsakademie zur bengalischen Beleuchtung von Proeminenten); tem de se converter numa instituição, a que mais do que a qualquer outra, compete servir dedicadamente a Nação, para a defesa dos seus valores, pois só o caminho da perfeição leva à immortalidade».

Os assuntos culturais constituíram no novo regime uma preocupação constante, sendo versados em artigos de revista, discursos ministeriais, trabalhos de maior ou menor responsabilidade, etc.

fundamental do homem de letras e assim a escolha dos membros da Academia deve pertencer-lhe integralmente. O que em outras circunstâncias representa obediência, disciplina e é uma virtude, aqui representaria um pecado contra o sagrado espirito da profissão; seria mesmo uma impossibilidade. O perigo, de que cometam inconveniências que prejudiquem a dignidade politica do país, não é de admitir. Faz votos por que o novo Instituto seja ouvido em tôdas as questões importantes da vida espiritual e real do país; é esta uma ocasião única para por seu intermédio levar ao estrangeiro a voz da nação.

Afigura-se-lhe conveniente uma colaboração mais estreita com o trabalho das Universidades, onde os estudos literários tomam um carácter cada vez mais histórico e linguístico. Sugere que Will Vesper, conhecedor profundo da lirica alemã, preleccione numa das grandes universidades alemãs sobre o seu dominio especial, do mesmo modo que Blunck sobre o romance, etc.

Assim o dramaturgo Kolbenheyer, ainda antes do triunfo do nacional-socialismo, não se cansa de proclamar «que a arte e sobretudo a poesia, constitui uma das forças essenciais de ordem e direcção dum povo; a êle deve ir buscar o seu conteúdo, a sua vida, como o povo deve reconhecer-lhe o valor e procurá-la. Não apenas sôbre o escritor, mas sôbre a nação inteira, impendem altas responsabilidades a êste respeito, pois *Dichtkunst ist Lebensmacht*» (1).

No seu estudo *A revolução nacional e a Revivescência do espírito alemão* — volta o mesmo autor a insistir no papel que ao homem de letras compete na destruição de tudo que prejudique e estrague o povo; entende que sem uma larga política cultural, nunca a revolução poderá elevar-se acima da estreiteza partidária; só por ela consegue exercer uma acção mundial. O principal obstáculo a êste objectivo é a classe média que durante anos esteve sujeita à acção deletéria da crítica alemã, na sua quási totalidade nas mãos da esquerda liberal; é preciso renovar o espírito do público nos seus fundamentos mais íntimos, torná-lo exigente em matéria de arte, não como simples espectador, mas como participante e inspirador dos sentimentos, a que o escritor dá expressão. (*Die nationale Revolution steht am Beginne. Der Endsieg wird ihr nur dann bleiben, wenn eine Kunst, die höchste*

(1) Hellmuth Langenbucher, *ob. cit.*, págs. 16-17.

künstlerische Leistung mit höchster Volksverantwortlichkeit verbindet, mit ihr siegen kann) (1).

Foi Kolbenheyer quem deu uma interpretação científica curiosa da função do indivíduo na comunidade, mostrando que o «eu onnipotente» é uma ilusão (Trugbild) (2).

(1) Fasc. de Julho de *Deutsches Volkstum*. In-Die Neue Literatur, Fasc. 8, Agosto de 1933, págs. 468-469.

(2) A Nação, diz Schauwecker, não é uma adição dos particulares, mas a unidade de todos êles. Quando a comunhão das almas de um povo, na história, na cultura, no território e na língua, toma forma no Estado, surge a Nação. O Estado do povo alemão é o *Reich*. Só dentro da Nação e pela Nação, o particular pode conseguir o seu desenvolvimento mais elevado. A personalidade só é possível pela Nação... Na vida nacional exige-se do povo disciplina e dedicação (Disziplin und Hingabe); dos governantes direcção e responsabilidade (Führung und Verantwortung... Vid. *Die Verwandlung der Seele in-Aufstand*, ob. cit., págs. 31-32).

«Nação, comenta W. Schöppe, pressupõe comunhão de vontade, destino e sobretudo de cultura. A Alemanha indestrutível será a Alemanha da comunidade, que procure nova vida no solo pátrio, fugindo ao «chaos atomístico» social, ao isolamento do indivíduo»... (*Politik in-Deutsche Kulturrevolution*, Berlin, Verlag für Zeitkritik, pág. 154).

«As palavras *Arbeit, Jugend, Volk, Reich* e *Dichtung*, diz Kutzbach, tem hoje um tom sentimental e despertam associações de pensamento ignorados antes. Também a literatura está em outras relações com o Estado. A seguir à guerra, os governantes, levados por utopias humanitárias, desprezaram o passado histórico, todos os valores nacionais; deixaram no esquecimento aquêles que a Alemanha actual honra e aprecia. As doutrinas que o Estado representa, têm

«O Eu não tem existência absoluta; é apenas uma forma biológica de orientação, um meio de acomodação do plasma. O particular, como portador, herdeiro e formador de plasma, é o expoente

o seu reflexo na actividade literária. Basta lembrar as figuras de Hans Grimm, Stefan George, Guilherme Schäfer, Kolbenheyer, Vesper e Paulo Ernst, onde aparece tantas vezes expressa a crença na vitalidade do povo alemão, para verificar que a acção do homem de Estado e do literato partem do mesmo fundo de sentimento: uns e outros estão possuídos da mesma vontade, elevam-se acima do actual para só pensarem no futuro; ambos são poderes morais (sittliche Mächte), guias do povo, responsáveis perante Deus». Kutzbach aprecia os depoimentos de vinte e oito autores sobre a missão do escritor alemão, reunidos na colecção publicada por Heinz Kindermann, *Des Deutschen Dichters Sendung in der Gegenwart*, Reclam-Ausgabe, 1933.

Todos êles, desde o primeiro, Hermann Stehr ao último Roth Schaumann, a-pesar-da diferença de idades, cultura, categoria e maneira de ser, revelam a mesma confiança no povo, sentem na maior parte a sua produção acima da sua personalidade como uma missão religiosa; ligam o presente à eternidade, sem preocupação de egoísmo ou orgulho, mas como indicação ao povo dos seus destinos.

Para Wehner, o *Reich* é a palavra primitiva que Deus, ao criar o mundo, deu aos alemães, é um mito da alma alemã, uma idea metafísica; implica a efectivação de uma ordem, a responsabilidade de uma missão, em benefício da humanidade inteira. Só um povo, pelo qual o espírito fala, terá a fôrça para reconstituir o *Reich*, que vem do eterno e para o eterno volta (vid. Kutzbach, *Deutsche Dichtung, Staat, Volk und Reich*, art. em *Die Neue Literatur*, fasc. 10, Outubro, 1933, pág. 571).

funcional da vida plasmática; o ser humano é não apenas espôso, pai, mãe, filho, parente; é também expoente de um povo, raça, classe, profissão, de todas as formas sociais da vida colectiva. A sua vida individual não provém dum acaso, não está sujeita ao acaso, mas na sua acção está subordinada a complexos funcionais superindividuais condicionados pela hereditariedade.

«A perfeição técnica é uma pressuposição evidente, um meio, nenhum fim. O fim é sempre também para a arte, servir a vida superindividual, reunir e estimular as forças do povo. Ao conteúdo tem de se subordinar incondicionalmente a forma » (1).

Do mesmo citarei ainda a poesia seguinte, modelo de linguagem simples, sincera, cadenciada, de elevação patriótica, de prisão à terra, de confiança nos destinos da nação, de união religiosa, numa palavra, do mais são e fecundo nacionalismo:

WER KANN UNSERE SEELE TÖTEN

Wer kann unsere Seele töten,
 Wer dass junge Blut verderben!
 Ringt der Baum in Sturmesnöten,
 Ringt der Stamm aus offenen Kerben!

(1) Albert Söergel — *Dichter aus deutschem Volkstum*, — págs. 75-83.

Tief im Boden-tausend Streben,
Eng geschlungen,
In die schwere deutsche Erde hart gedrungen —
Hält die Wurzel und saugt Leben.

Wer kann unsre Herzen zwingen,
Wer die hellen Augen blenden!
Not lehrt deine Pulse singen,
Not wird deine Blicke wenden
Tief in dich, wo — tausend Streben,
Eng geschlungen,
In die schwere deutsche Erde hart gedrungen —
Deines Blutes Wurzeln leben.

Wer kann unsere Hände binden,
Wer den Flaumgeist vernichten?
Unser Werk wird Freiheit finden,
Wir die bange Nacht durchlichten
Bodentreu, durch tausend Streben,
Eng geschlungen,
In die schwere deutsche Erde hart gedrungen —
Quillt uns Leben, unser Leben (1).

(Lyrisches Brevier, München, Langen Müller.
In: *Volk u Buch*, Out. 1933, pág. 3).

(1) Como expressão de elevado nacionalismo, no mesmo tom patriótico e religioso, transcrevo a poesia seguinte de Hans Schwarz que de maneira tão bela sabe ligar o passado com o presente e o futuro da pátria:

DEN UNGEBORENEN

Ihr, die ihr noch in Blüenträumen lebt
von jungen Menschen, deren Leib erschauert,
wenn sie Verlangen zueinander hebt —
Ihr Zauberschwarm, der auf der Schwelle lauert:

Ihr seid die Erben einer neuen Zeit,
die grösser ist als unsre Väter waren,

A idea dominante, não só em política, mas na literatura é a de que o particular só vale como expressão da comunidade social, que tôda a obra nesse sentido deve ser mais ou menos política, por estimular as energias da Nação, fortalecendo-as nas suas origens e pondo de banda preocupações ego-cêntricas, aprêço exagerado do destino individual, para atender aos interêsses superiores espirituais e materiais da colectividade.

an Liebe grösser und an Grausamkeit
und an Verheissung grösser und Gefahren.

Wir bitten euch, verliert die Losung nicht
und haltet euch vom Leibe die Verächter,
sonst wird das dritte Reich euch zum Gericht
und unser reinster Wille zum Gelächter.

Bleibt arm, nicht ärmlich, schlicht in Wort und Kleid,
und wenn man rote Läufer vor euch spreitet,
vergesst nicht, dass ihr tief gebunden seid,
und denkt, dass ihr auf unseren Schultern schreitet!

Und glaubt euch nicht, der Gipfel sei erreicht,
es gelte jetzt den Ruhmeskranz zu winden,
wer sich zu früh mit seiner Zeit vergleicht,
der wird den Platz nicht in der Zukunft finden.

Wir schufen nicht, dass eure Arbeit ruht,
ihr sollt euch neue Form vom Herzen singen,
und wenn ihr es mit ganzer Seele tut,
so werden, die euch lieben, mit euch singen!

Ihr seid das Aufgebot, das wir geträumt,
wir nahmen euch voraus die ersten Stufen,
und ob sich eure Eigenliebe bäumt,
ihr seid wie wir zur Folge aufgerufen!

(*Du und Deutschland*, Breslau, Verlag Gott Korn).

«O princípio de que a arte e a literatura nada tem que ver com a política é uma frase querida do liberalismo que só serve para encobrir as produções contrárias ao sentimento nacional» (Das Geschwätz, Kunst und Dichtung haben nichts mit der Politik... ist die scheinheilige Tarnung aller gegen das Deutschtum gerichteten Literatur) (1).

A mesma idea exprime por palavras muito semelhantes Paulo Schultze-Naumburg, ao afirmar que o divórcio da arte e do povo foi um dos erros fundamentais do século XIX: no novo Reich o fim da arte deve ser sobretudo a representação do herói alemão, «o herói do sangue mais valioso do nosso povo de sangue nórdico». (Es gehört ebenfalls zu den Grundirrtümern des liberalistischen Zeitalters anzunehmen, Kunst und Volk hätten nichts miteinander zu tun und die Kunst sei lediglich die Sache einer kleinen Schicht Intellektueller die allein etwas von ihr verstanden. Dies trifft zu für die individualistisch-handlerische Gesellschaft des neunzehnten Jahrhunderts die sich zwischen Kunst und Volk einzuschieben gewusst hat, rassistisch aber zu einem grossen Teil weder mit dem Volk, noch mit dessen Kunst etwas gemein hat) (2).

O presidente da nova Academia de Letras prusiana, Hans Johst, o celebrado autor do drama

(1) Vid. *Der Weg zum politischen Buch*, artigo do Dr. Günther Haupt, em *Volk und Buch*, 1933, pág. 2.

(2) *Nationsozialistische Monatshefte*, fasc. 43, pág. 444.

Schlageter, cujo protagonista é o herói d'êste nome, numa conferência já pronunciada em 1928, sôbre o drama moderno, desenvolve a mesma doutrina de que o dramaturgo deve estar em contacto íntimo com a consciência do povo; deve dominá-lo o sentimento da comunidade (*Gemeinschaftsgefühl*), não procurando o superficial aplauso, meramente exterior, mas a comunhão íntima com o público que vendo em cena representado o que sente em si de mais íntimo, por assim dizer, participe da obra e colabore com êle. Uma representação tem de proporcionar alguma coisa de mais sério que umas horas de prazer.

« Os dramaturgos do século passado, diz Johst, valorizam o drama como um absoluto. O autor dá expressão artística a um aspecto da vida que mais o impressionou e com os seus recursos, conjuntamente com os do actor e da cena, técnica e psicologicamente desenvolve a acção, de modo que concordando-se com a primeira cena, logicamente não se podia discordar do desenlace. O teatro tinha uma base racionalista. O naturalismo e o psychologismo são as últimas conseqüências e as mais finas materializações d'êste critério. O teatro agita, apresenta realizações de realidades.

« Se os espectadores, ao verem exhibições desagradáveis, como a embriaguês, anormalidades sexuais, manifestavam o seu desagrado, tomava-se isso à conta de preconceito burguês. O teatro moderno deve ter em si a fôrça espiritual de dominar

todos os que nêle tomam parte. O público terá a impressão de que se encontra com alguma coisa de metafísico que o atinge pessoalmente. O drama futuro, em vez de ser um pretexto de discussões, divisões partidárias, terá um carácter sagrado; nos tempos de dificuldades, a miséria e o desespero do povo atalham-se, não só com notas de banco, mas com o rejuvenescimento de uma comunidade de crenças (*Wiedergeburt einer Glaubensgemeinschaft*).

« Não é por acaso que o teatro teve uma origem religiosa; a êle, embora trabalhando com homens e meios de realidade, cumpre servir a idea do principio metafísico da criação, representar a experiência do ultra-sensível. Já nos *Stürmer* aparecem indícios desta aspiração, mas Goethe e Schiller, reconhecendo no templo grego o fundamento (*mütterliche Bildung*) de todo o teatro, limitaram-se a transportar para o campo cultural alemão o ideal da perfeição grega. As suas obras clássicas, *Ifigénia*, *Tasso*, *Braut v. Messina*, satisfizeram sob o ponto de vista estético, mas do ponto de vista ético, eram insuficientes, porque o fundo metafísico (*metaphysischer Hintergrund*), o divino, na Alemanha e na Grécia são diferentes. O homem em cena deve ser sempre considerado em relação com o principio superior da criação do mundo.

« O humano é trágico na sua aspiração para a eternidade que não pode ser satisfeita por completo; cómico, quando na sua limitação, julga tê-la atingido e dominado. O teatro moderno alemão

exige, como na Grécia, comunhão da cena com o auditório. A consciência colectiva encontra nêlo a sua linguagem simples e apropriada (1).

« O dramaturgo não é nenhum Cristo, mas deve ser piedoso, pode pertencer ao mundo, mas sempre ao serviço do povo, amar a sua vida, converter-se no mistério do seu amor apaixonado. Em vez de uma dramaturgia racionalista, uma dramaturgia do sentimento. Esta comunhão do poeta com o público deve libertar o teatro da estreiteza das castas e imprimir-lhe uma objectividade e intimidade tais que nos factos da vida se denuncie uma linguagem divina. » (2).

(1) Cf. a cena 8.^a do acto II do *Schlageter*, de Johst, em que Augusto Schneider, filho do presidente do govêrno, lhe fala uma linguagem que êle não entende: contrapõe ao *Klassenkampf* a *Volksgemeinschaft*, acrescentando que socialismo e internacionalismo serão para o futuro apenas um acontecimento histórico. E ainda o passo seguinte da já referida obra, *Wir rufen Deutschland*, de Edwin Erich Dwinger, talvez a descrição mais patética dos sofrimentos da Alemanha durante e após a Guerra: « Ê isto o que a nós que viemos da Sibéria, nos separa de todos os outros. O nosso doutor disse ao despedir-se: Hierarquias e situações desapareceram. Em todos, o eu cedeu o lugar ao nós.

« Êste nós queremos dá-lo à Pátria que tanto disso carece. Conhecemos as nossas qualidades, mas também os nossos defeitos. Nada do que é humano nos ficou estranho; aprendemos a conhecer tudo. »

(2) Vid. *Vom neuen Drama*, artigo de Johst, in-*Hochschule und Ausland*, Monatschrift für Kulturpolitik und

Uma síntese das correntes literárias dominantes apresentam na mesma revista Cristiano Jenssen e Wolfgang Schöningh. O primeiro no seu artigo, *Die Dichtung im neuen Staat*, cujo conteúdo passo a resumir, põe em relêvo que no novo estado alemão se operou não só uma revolução política, mas espiritual, de há muito pressentida. É claro que não é dum dia para outro que se efectiva uma renovação de tal grandeza, substituindo uma concepção de vida liberalista por uma heróica; um pensar naturalista ou esclarecido psico-analiticamente, por um sentimento íntimo de responsabilidade, por uma relação ética do metafísico com o divino. Sôbre a improdutividade das ideas liberais, já Goethe se manifestara num passo conhecido das Palestras com Eckermann.

Os românticos Novalis, Adam Müller, Jean Paul e alguns escritores isolados, como Paulo de Lagarde e Nietzsche, abriram o caminho às modernas correntes literárias e filosóficas que se propunham substituir o frouxo materialismo, falho de conceitos, por uma afirmação religiosa da vida e por uma representação do mundo, com poder mágico e criador (*magische schöpferische Leuchtkraft*) que, pondo de parte os aspectos sombrios e sinistros da existência, se inspirava numa vida sã, estudada

Zwischenstaatliche geistige Zusammenarbeit, her. v. Adolf Marslach, Berlin, Verlag Kulturpolitik, fasc. II, Nov. 1933, págs. 5-11.

nas relações com o meio natural, familiar, profissional e ético. Como precursores desta nova orientação, apresenta Jenssen os círculos à volta de Stefan George e de Otto zur Linde; Paulo Ernst, Johannes Schlaf que vieram do naturalismo e se converteram em conservadores-revolucionários e profetas; Hermann Stehr e como seus actuais representantes, além dos indicados, Blunck, Griese, Johst, Magnus Wehner, Agnes Miegel, Carossa, Schaffner, Emilio Strauss, Jacob Kneiper, Hans Grimm.

Do mesmo modo que a actual organização política não é apenas a construção grandiosa duma vontade genial, mas a expressão duma aspiração nacional que durante dezenas de anos se efectivou, sob a pressão das dificuldades presentes, assim a actual orientação literária tinha já origens remotas; estivera abafada por uma literatura formalista e charlatanesca (*stand abseits neben einem formsbeherreschenden und marktschreierischen Literatentum*).

A literatura actual é essencialmente alemã, isto é, nela se espelha através da língua, a alma do povo e as suas fôrças criadoras, o seu heroísmo retumbante ou silencioso, o seu destino no passado e no presente, na vida da família, na profissão, na pátria e no estrangeiro, na sua fôrça colonizadora e espírito de investigação; a ela cumpre fazer regressar o povo às suas qualidades nativas, quando por quaisquer circunstâncias trágicas estejam obliteradas. Um estado como o actual que não é dita-

torial, nem se apoia nas resoluções da maioria, mas corresponde à vontade da nação, não pode deixar de mostrar o seu maior interesse e aprêço por êste grandioso movimento literário (1).

Schöningh mostra que o poeta e o escritor têm de penetrar no fundo íntimo do povo, dar forma artística ao que nêle existe no domínio do subconsciente, conhecer o que o move e abala, auscultar o organismo da nação, estimular-lhe o rejuvenescimento; deve ser, ao mesmo tempo, vidente, profeta, lutador (2).

Põe a seguir a questão, se os nomes queridos do liberalismo literário, como Feuchtwanger, Henrique Mann, Wassermann, Zweig e Remarque, com a sua falta de confiança nas virtudes da raça, preocupados apenas com os problemas do dia, como a perda das fortunas, a falta de trabalho, a moral sexual, se podem considerar escritores verdadeiramente nacionais. Cita as palavras de Dwinger no *Wir rufen Deutschland* de que «êsses homens não podem suportar a mais pequena injustiça feita a um individuo em particular, a uma classe, mas

(1) *Rev.* e fasc. cit., págs. 21-27.

(2) O povo (*Das Volk*) representa, como explana Guilherme Stapel na *Volksbürgerliche Erziehung*, uma cadeia infinita de gerações (*eine unendliche Generationskette*). (Cf. Dwinger, obr. cit., pág. 278: «Um povo não consta só dos pais, dos filhos e netos, mas da cadeia de pais, filhos e netos. Temos não só de viver, mas de transmitir essa herança aos nossos filhos.»).

são cegos de ambos os olhos e mudos de ambos os ouvidos, quando um povo inteiro é oprimido de maneira monstruosa e se afunda na miséria, na exploração e na injustiça.»

É por culpa desses literatos incensados pela propaganda alemã que o estrangeiro faz uma ideia da alma alemã e fica surpreendido com o actual regime político. Depois de mostrar o que o movimento de renovação espiritual deve a Möller van den Bruck, exalta o *Mito do século XX*, de Rosenberg, como a melhor defesa das virtudes da raça. A conservação pelo sangue da natureza divina do homem, a crença de que o sangue nórdico representa o mistério dos sacramentos, exige que o Estado proteja, fortaleça e anime a honra e a liberdade deste sangue que deve constituir o fulcro da religião, do direito e do próprio Estado.

A mocidade definhou nos últimos anos, não de fome, mas por não saber resistir a influências estranhas.

Conclui por reconhecer influência decisiva na literatura, do livro de Hitler, *Mein Kampf*. A concepção hitleriana que considera o homem, não como indivíduo isolado na terra, mas cuja existência só tem significado como filho do seu povo, burguês do seu estado, é princípio fundamental da nova literatura. Compara as ideias do chanceler às do poeta, Dietrich Eckart, ao qual este dedica a sua autobiografia: ambos têm a mesma confiança nas forças eternas da nação; um e outro são homens

de Estado e literatos. «A literatura e o povo pertencem à nova Alemanha. O escritor só assim se desprende da sua limitação e então a obra, como diz Paulo Fechter em *Vom Ich zum Wir*, é reconhecida pela nação, como um novo marco que lhe indica o caminho que trilhou e tem ainda a percorrer; então o mundo reconhecerá o papel que o destino impôs para o futuro ao literato alemão.» (1).

Com grande clarividência e profundidade, aborda Hitler os problemas da cultura. Uma das manifestações mais evidentes da decadência do Reich foi, na opinião do chanceler, a baixa de nível cultural que se manifesta na degenerescência do gosto, nas excentricidades artísticas, como o cubismo e o dadaísmo, nas exposições futuristas que há sessenta anos atrás não seriam possíveis, pois os seus promotores e expositores seriam tomados como loucos, cujo lugar seria no manicómio.

«No curto período da república bávara soviética (Räterepublik), continua Hitler, todos os cartazes oficiais, desenhos de propaganda, jornais eram em estilo futurista, traziam o cunho da decadência política e espiritual. No dia, em que esta arte correspondesse à concepção geral, seria o indício de que se operara no espírito humano um retrocesso, cujo desenlace se não podia prever. O que é certo é que nos últimos vinte e cinco anos, encontramos em todos os domínios da arte sinais

(1) *Rev. e fasc. cit.*, págs. 28-34.

dessa decadência (Erkrankung). O teatro degradou-se a tal ponto que em muitos não se permitia a entrada à mocidade; Goethe, Schiller e Shakespeare eram desprezados em relação aos novos dramaturgos, como antiquados e gastos, pois esta época não só produziu lama, mas conspurcou tudo o que vinha do passado (die besudelte alles wirklich Grosse der Vergangenheit).

«Quanto mais miserável é uma instituição, tanto mais procura apagar os vestígios das que a precederam: incapaz de produzir alguma coisa de mérito, de valioso, odeia, nega ou mesmo amesquinha tudo o que de valia existe. Ocultando aos olhos do presente o passado, denunciava os seus intuitos de destruir todos os fundamentos de cultura, preparava os espíritos para o bolchevismo político.

«Êsses apóstolos bolchevistas atacavam todos os que nêles não viam sumidades artísticas; acusavam-nos de retrógados e perante o público defendiam com superioridade, como experiência interior (inneres Erleben) as suas produções, como se um espírito são tivesse de se render às alucinações de loucos ou criminosos.

«Infelizmente a covardia era grande e não soube oferecer resistência séria a esta loucura sem vergonha (frecher Unsinn), parecendo não saber já distinguir o bom do mau.» (1).

(1) A. Hitler, *ob. cit.*, München, Franz Eber Verlag, págs. 282-288.

Onde Hitler define, porém, com mais elevação as suas ideas sôbre a missão da arte num país civilizado, é no notável discurso pronunciado por ocasião da fundação em Munich da *Casa da Arte alemã*, do qual destaco o trecho seguinte que mostra bem como os problemas da cultura o interessam:

«Apenas aos eleitos (Gottbegnadeten), em todos os tempos foi dada a missão de criarem alguma coisa de novo e imortal. São êles os pioneiros dum largo futuro e à nação pertence manifestar-lhes o devido respeito, pois representam a personificação dos mais altos valores do povo (Die Fleischwerdung der höchsten Werte eines Volkes).

«... A arte é uma missão sublime e devotada até o fanatismo. Quem possui a capacidade de redescobrir a alma do povo, de a fazer vibrar pela música ou falar pelas pedras, êsse é influenciado por uma fôrça íntima, dominadora que o obriga a falar a sua língua; ainda que o mundo o não compreenda ou não queira compreender, preferirá sofrer todos os desgostos a ser infiel à estrêla que o guia interiormente.

«Num tempo de dificuldades económicas e de cuidados de tôda a ordem, importa mostrar aos homens que uma nação tem preocupações mais elevadas do que o seu egoísmo económico. Os monumentos de cultura da humanidade foram sempre os testemunhos da grandeza e da nobre missão dum povo. Quando os povos esquecem isto, então é porque a parte melhor do seu sangue está con-

taminada e a decadência é questão de tempo. Como estamos convencidos do valor íntimo do povo alemão, queremos que o Estado lhe proporcione os meios de mostrar êsse valor.

« Num momento, em que a loucura e a injustiça parecem dominar o mundo, apelo para os artistas para tomarem sôbre si a defesa mais nobre do nosso povo pela arte alemã. » (1).

Também o ministro do Reich, Dr. Goebbels, num discurso proferido na Associação da Bolsa dos Livreiros alemães, acentuou o interêsse que ao govêrno merecem os problemas da cultura. Disse não ser já preciso defender-se da acusação de que o movimento nacional-socialista é inimigo do espírito; essas histórias só podiam ser acreditadas, quando ainda estavam na opposição e as não podiam desmentir livremente. O govêrno sabe bem que o rejuvenescimento dum povo se não baseia apenas na reforma da economia. Ainda que se pusessem tôdas as máquinas em movimento, tôdas as oficinas em actividade, se a alma alemã fôsse tão pobre, como há catorze anos, ainda que se ganhasse em valores materiais, as perdas no domínio

(1) Hochschul u. Ausland, fasc. II, Nov. de 1933, págs. 3-4.

Sôbre a música e o Estado novo leia-se o artigo do Prof. Dr. Fritz Stein, *Die Musikpflege im neuen Staat na Hochsch. u. Ausland*, número cit., págs. 11-17 e sôbre as artes plásticas, o do Prof. Dr. H. C. Schultze-Naumburg, *Die bildende Kunst im neuen Staat* (Rev. cit., págs. 18-21).

do espírito seriam irreparáveis. Essa censura vem dos sectores, aos quais falta autoridade moral e política para falarem em nome da nação e que não podem tolerar que o Estado se propusesse purificar a vida cultural alemã dos elementos maus que a contaminavam.»

Conclui por fazer um apêlo ao livro alemão, ao qual incumbe o encargo de educar o gôsto, em vez de se lhe subordinar, citando as palavras de estudantes de Berlim, ao destruírem pelo fogo livros imorais e anti-patrióticos:

«Quem tem coragem para destruir, tem-na igualmente para restaurar.» (1).

*

A acção do Estado novo fêz-se sentir igualmente nas Universidades que eram acusadas, por não terem sabido pôr-se em contacto com o povo, por estarem alheadas do espírito animador do movimento nacional-socialista, divorciadas dos alunos e do próprio Estado que com a sua autonomia exagerada até por vezes contrariavam. A interferência do govêrno é hoje nelas directa por intermédio dos Reitores, da livre escolha do Ministro da Instrução, aos quais, por seu turno, compete a indicação dos directores das Faculdades.

(1) In-*Die Neue Literatur*, Junho de 1933, págs. 359-368.

Mannhardt na brochura *Hochschulrevolution* (1) considera como função essencial das Universidades a formação política das gerações futuras e confia, em que estando na direcção da Reich uma mão forte e experimentada, se criará uma Universidade central, núcleo de tóda a propaganda cultural no estrangeiro e elo de ligação dos trabalhos de investigação e doutrina das outras universidades. É a idea de Hans Freyer que preconiza a fundação de uma Faculdade política, em que a política e a história alemã sejam estudadas como ciências (2).

(1) Cit. em *Die Neue Literatur*, fasc. 7, Junho de 1933, págs. 407-409.

(2) Está já projectada a conversão em Universidade do Reich da Universidade de Koenigsberg, o que elevará o número dos seus alunos de 3.500-5.000 a 13.000-14.000. Todos os estudantes universitários serão obrigados a frequentá-la, pelo menos um semestre e em especial os cursos sôbre a vida alemã, nos paizes da fronteira leste e nos de uma forte minoria germânica.

A idea que preside à criação da primeira universidade alemã do Reich, é manter viva a consciência nacional nessas populações.

O espírito nacionalista penetra já em tódas as Universidades alemãs que passaram a versar nas suas cátedras, os grandes problemas nacionais da actualidade. Assim no próximo semestre de verão em Friburgo haverá prelecções sôbre: Introdução às doutrinas económicas e sociais do nacional-socialismo; Povo, Nação, Corporações; O conceito do direito nacional-socialista. Em Tübingen sôbre: Princípios e processos da educação cívica nacional-socialista;

Do problema universitário occupa-se com profundez Paulo Simon no artigo *Die Universität in der neuen Zeit* que passo a resumir.

Conquanto já antes da Guerra a Universidade fôsse criticada, é sobretudo posteriormente que essas críticas se acentuaram. Foi na Guerra que a mocidade reconheceu que o homem não vive só da ciência, que para todos os actos da vida precisa de fé ilimitada e formação heróica (*unbedingter*

Problemas actuais do direito constitucional; A Idea do Estado nacional-socialista. Em Iena e Heidelberg sôbre: Educação nacional; O nacional-socialismo e o regime corporativo; Filosofia nacional-socialista, etc.

Entre outras questões, serão tratadas: o Direito familiar e hereditário; Higiene da raça e biologia hereditária; Teoria da hereditariedade; História progressa e teoria das origens rácicas; Individualidade e colectividade; Saúde pública; O princípio da autoridade no novo Estado. A política e as ciências militares voltam a ocupar lugar proeminente nos planos de estudo. Por tôda a parte, estão organizados cursos sôbre: Problemas estratégicos; o valor da organização na Guerra mundial e no período seguinte; Geografia política; Formas e processos da política externa; etc. Também as questões religiosas merecem atenção especial, tais como a missão da Igreja, do ponto de vista da raça, da pátria e da sociedade; a ética nacional-socialista; o problema da igreja nacional.

As Universidades da fronteira oriental preocupam-se em especial com a questão das colónias alemãs no estrangeiro, sua história e evolução. (Vid. *Lebendige Universität*, Programm und Pläne des Sommersemesters, artigo do Berliner Tageblatt, n.º de 26 de Abril de 1934).

Glaube und heroische Gesinnung). Simon atribui a falta de espírito corporativo à especialização exagerada que converteu as Faculdades, por assim dizer, em escolas técnicas e cita a êste respeito o estudo de Max Scheler, *Universität und Volksschule*, onde se lamenta que o professor universitário nem sempre esteja em contacto com a realidade e lhe mereça pouco cuidado a formação do carácter, da vontade e do coração em relação à profissão futura dos alunos que saem da Universidade puros intelectualistas, pequenos eruditos, alheados do mundo, sem o sentido das responsabilidades sociais. Entende que a missão do professor, sobretudo na época presente, é muito especial, e embora se não possa exigir que todos sejam génios, não é de aceitar que os docentes universitários se limitem a repetir durante anos as mesmas prelecções. Os alunos olham para os mestres como seus guias e exigem que lhes dêem alguma coisa de valioso.

A falta de contacto, de convivência mais íntima entre professores e alunos, explica-a pela afluência da população escolar às Universidades, o que é preciso remediar, pois de contrário, o nível intelectual há-de baixar inevitavelmente.

Simon é, no entanto, de opinião que a Universidade não é o campo próprio para manifestações políticas e conquanto devam ser objecto dos seus estudos os bens valiosos da nação, a sua história e literatura, arte, organização do estado, a ciência

tem sempre um carácter geral e no *ethos* da verdade, hoje como sempre, consiste a sua fôrça (1).

*

As ideas da renovação cultural do terceiro Reich encontraram a sua expressão mais elevada em Ernst Krieck. Já em 1920, de colaboração com Moeller van den Bruck se ocupou da educação política do povo alemão: um e outro reconheceram como condição imprescindível para a realização do novo Estado uma íntima e completa mudança da alma alemã.

De tôdas as suas obras, a de mais valia é a *Educação nacional-política* (National-politische Erziehung 1933, Armanen-Verlag, Leipzig).

Constitui êste trabalho um verdadeiro programa educativo do movimento nacional, abordando os grandes problemas espirituais do presente no domínio da ciência, da política e da pedagogia. Consta de duas partes, a primeira das quais de natureza sobretudo política.

Reproduzo algumas das afirmações do autor que traduzem fielmente o seu pensamento dominante:

«No Estado orgânico, a lei do todo domina sôbre a lei da parte, ao mesmo tempo que ao in-

(1) Vid. Rev. *Hochland*, München u. Kempten, Josef Kosel'sche Buchhandlung, 1932-1933, 13.º ano, fascículo 12, págs. 481-494.

dividual, ao particular se facilita a sua expansão no sentido de colaborar na ordem geral. Entre o todo vivo e os seus membros, não há oposição, pois a cada um cabe a sua função própria. Por isso, não compete a todos o mesmo, mas a cada um o que lhe é próprio.

« A crise actual do povo alemão impõe a criação de uma nova ordem de vida traduzida na política, economia, ciência, cultura e educação. O princípio da totalidade implica não só a dependência do indivíduo ao seu meio, a consciência da relação entre o membro e o todo, mas a actuação recíproca entre todos os domínios de vida.

« Estado, religião, língua, economia, direito, sociedade, cultura, ciência, educação, escola são expressões unilaterais, com as suas leis próprias, da totalidade da vida, a cuja unidade e poder estão sujeitas. Como na Idade Média o elemento religioso que tinha a primasia, se alargava aos outros sectores de vida, ao Estado, à arte, à ciência e à ideologia do liberalismo que se afunda, se estendia à ciência e à cultura, assim nesta época de Direcção política terminou a neutralidade liberal no Estado, direito, arte, religião e economia, cultura, educação e escola.» (1).

« A cultura no sentido mais restrito, a produção espiritual na literatura e na ciência tem ao serviço da colectividade de actuar na sua formação (bil-

(1) *Ob. cit.*, págs. 8-12.

dend auf das Volkstum zurückzuwirken). Ao Estado compete a disciplina, a selecção e a protecção contra tendências perturbadoras e dissolventes.

«A educação e a escola devem obedecer a esta idea da totalidade (Ganzheitsidee): do Estado recebem a direcção e a orientação ao serviço de todos.» (1).

Na segunda parte versa as questões de educação mais de perto, mostrando como é fecundo a êste respeito o pensamento nacionalista, do qual se desenvolve de maneira orgânica um novo grande programa educativo que não se esteriliza em minúcias e exigências meramente escritas, mas se eleva como árvore pujante da terra e do espírito alemão. Partindo do princípio de que desapareceu o mundo do espírito em si com os seus valores abstractos do verdadeiro, do belo e do bom e de que terminou a época do individualismo, racionalismo e colectivismo das massas, defende uma reforma da escola alemã que deve estar sempre em contacto com as realidades da vida do povo, fortalecendo-lhe o espírito de unidade, em que se faça uma simplificação radical dos programas em todos os sentidos, de modo que o ensino ganhe em intensidade o que perde em extensão. Condena àasperamente o enciclopedismo da chamada educação geral; parece-lhe verdadeira invenção do diabo o actual sistema, em que no decurso do dia o aluno

(1) *Ob. cit.*, pág. 23.

tem de estudar as matérias mais heterogêneas, o que só serve para o desnortear e lhe fazer perder o sentido da unidade da vida.

A escola tem de deixar de ser um corpo estranho na sociedade; cumpre-lhe dar uma educação completa para a vida, não só do ponto de vista da cultura, mas da formação moral, desenvolver nos alunos a consciência das suas responsabilidades como futuros cidadãos. A escola para ser, como deve, uma verdadeira *Arbeitsschule*, tem a missão de pôr o aluno em contacto com a vida do povo.

É nos domínios da história e da literatura que «as orgias do subjectivismo se têm feito sentir mais fortemente, convindo que para elles o Estado volva a sua atenção especial. Tantas obras inúteis e nocivas devem ceder o lugar aos escritos de Bismarck, Frederico Liszt, Fichte, Stein, Arndt, Jahn e no ginásio humanístico a César, Cícero, Tácito e Salústio.»

No ensino da história recomenda o estudo de problemas que tanto interêsse têm no presente como no futuro, tais como o destino do camponês, as grandes empresas capitalistas, o operário, o trabalhador, etc.; na história literária o de obras que de algum modo estejam em relação com as preocupações do presente, por exemplo a poesia política de Walther v. der Vogelweide. O estudo da língua pátria e sua defesa, não apenas como forma exterior, mas como expressão do pensamento e do carácter do povo, deve ocupar lugar primacial

nos programas escolares. Condena *in limine* a literatura da moda, erótica que versa assuntos sexuais pelos males insanáveis que exerce na mocidade.

Como nos outros graus de ensino, também no superior, Kriek entende que deve dominar uma idea central: unidade de acção e formação que entre tôdas as especialidades estabeleça as suas relações, ligando-as por estreitos laços, sempre em contacto com a realidade presente, com a vida na sua totalidade.

Defende uma comunhão mais íntima entre as Universidades e as Academias.

Sem excluir a investigação científica, quando para isso haja condições, àquelas compete essencialmente uma função docente; a estas, pelo contrário, cumpre a investigação da ciência, o que não quer dizer que os académicos, por seu turno, não possam exercer funções docentes, num círculo restrito de futuros investigadores. Põe mesmo a questão, se não conviria pensar numa reorganização da cultura nacional, em que as relações entre as Universidades e as Academias fôsem reguladas, como já Leibniz esboçara.

Sendo as Universidades estabelecimentos do Estado, ao serviço da cultura nacional, têm de colaborar nas questões políticas: o professor universitário como membro do povo e do Estado, deve pôr os seus conhecimentos ao dispor da colectividade, ser o seu conselheiro em assuntos de cultura, ciência e escola.

Por isso, deverão ter representação nos órgãos do governo, não possuindo porém autonomia, como estado dentro do estado.

Absoluta liberdade de ensino é contrasenso inadmissível do liberalismo: a verdadeira liberdade não se decreta; vem sempre da segurança íntima do carácter, da consciência e do saber.

Os estudantes universitários deverão ter representação na administração da Universidade, à qual levem o conhecimento das suas necessidades e direitos, não por mero capricho ou opinião individual, mas apenas para que melhor possam cumprir o serviço que lhes compete.

O autor conclui por propor a criação dum Instituto Superior para a preparação e formação dos professores de tôdas as espécies e categorias. O Instituto, a que dá o nome sugestivo de *Bildnerhochschule* terá como alvo despertar a consciência nacional dos alunos e estabelecer a ligação entre os vários ramos do saber, de modo que não seja prejudicada a unidade do ensino. Às faculdades de Filosofia e Ciências Sociais, deverá ir buscar o que lhe interessa para o seu fim e estabelecer o nexo entre os vários institutos, escolas, laboratórios, etc., onde os futuros professores, de harmonia com as matérias a que se dedicam, recebam a sua preparação especial. Sendo o campo, a aldeia, o camponês as fontes da fôrça do povo alemão, a escola rural merecerá do governo cuidados muito especiais. Numa palavra, é preciso fazer penetrar

o espírito do movimento nacional-revolucionário na escola, e acabar com muitas ideas preconcebidas, velharias e rotina da época que passou.

Reforma de tão grande alcance não poderá ser levada a efeito senão por gradações, por homens novos dominados por um ideal e pela vontade inabalável de o realizar.

Krieck explana largamente os problemas educativos; encara-os de alto como um ideal a atingir e nessas circunstâncias não apresenta pròpriamente um projecto de organização de ensino público. Dá sugestões fecundas e originais que bem podem aproveitar ao politico, ao professor, ao estudante, etc. (1). O mesmo autor dirige a revista *Volk im Werden*, onde colaboram sobretudo professores e são versados assuntos palpitantes da actualidade, de natureza política, cultural e económica.

A orientação oficial do nacional-socialismo, relativamente aos problemas educativos, definiu-a o ministro do Interior do Reich, Dr. Frick, na conferência ministerial, de 9 de Maio do ano findo, cujos tópicos passo a indicar:

« À escola alemã compete formar o homem político que pelo pensamento e acção, servindo e sacrificando-se, se enraiza no seu povo e está indissolúvel e completamente ligado à história e ao destino do país. Na educação do aluno, convém

(1) Vid. *ob. cit.*, págs. 111-186.

não perder de vista que a escola tem de estar ao serviço da comunidade: nessas condições, o povo e a pátria constituirão as mais importantes matérias de ensino, pelo que o estudo da história, língua, produção literária e artística nacionais, do mundo animal e vegetal do território alemão, deverão ocupar nos programas escolares lugar primacial. Isto não significa que se delimite exageradamente o campo dos estudos históricos, sobretudo o dos povos germânicos do norte da Europa e das nacionalidades por êles fundadas além-mar e ainda o dos outros povos arianos, com os quais os alemães no decurso de uma história bimilenária estiveram em constante contacto cultural.

« A defesa da pureza da língua pátria constituirá uma das preocupações mais importantes da escola, de modo que se possa transmitir às gerações vindouras o precioso tesouro da língua alemã, sem adulterações de qualquer natureza. O ensino da história e os livros desta disciplina demandam atenção especial, convindo considerar de perto as duas últimas décadas da época contemporânea. O monstruoso acontecimento da Grande Guerra, a luta heróica do povo alemão contra um mundo de inimigos, o aniquilamento da nossa capacidade de resistência por fôrças anti-patrióticas, a desonra do povo pelo tratado Versailles, a ruína da ideologia liberalista, marxista, tudo isto, assim como o despertar da consciência nacional desde as lutas do Ruhr até a irrupção do pensamento libertador na-

cional-socialista e o restabelecimento da comunidade popular alemã na assembleia de Potsdam, será objecto de atento e demorado exame. Não deverão ser esquecidos os alemães que por virtude do tratado de Versailles ficaram fora do Reich, sobretudo os das regiões limítrofes, mais sujeitos às violências dos seus novos senhores; com êles se manterão relações por intermédio do *Verein für das Deutschum im Ausland* e outras associações culturais. O ensino da biologia tem de ser considerado sob duplo aspecto. Em primeiro lugar, vem o estudo das principais raças europeias e daquelas que formaram o povo alemão, acentuando-se que o desenvolvimento histórico dum povo não pode ser compreendido sem o conhecimento dos seus caracteres rácicos, não só físicos, mas psíquicos. Deve-se banir por completo qualquer manifestação de ódio contra raças estranhas, mostrando-se, porém, que o seu futuro impõe a defesa do sangue alemão de contaminações, sobretudo de sangue judaico e de raças de côr.

« Em segundo, procurar-se-á despertar no espírito da mocidade a responsabilidade da constituição da família, evitar a transmissão de defeitos físicos, doenças, deficiências mentais que contribuam para o abastardamento e aniquilamento da raça. Algumas palavras serão dedicadas à necessidade de fortalecer o corpo e a alma para as lutas da vida, desenvolvendo nos alunos a fôrça de vontade, espírito de resolução, robustecimento físico pelos exer-

cícios ao ar livre, pelos desportos campestres. A colaboração de tódas as sociedades desportivas ao serviço da colectividade será assegurada por intermédio de um comissário do Reich para o desporto (Reichssportkomissar).

«A escola popular (Volksschule) deve merecer os primeiros cuidados da nação. Tem sido ela sacrificada às escolas secundárias e superiores. A admissão numas e noutras não pode ser livre: o número dos diplomados sem ocupação é um elemento perturbador na vida social, o que não é de admitir, pois todo o trabalho profissional é uma prestação de serviço ao povo e ao Estado.

«O sistema mecânico de admissão tem de ser substituído por um sistema orgânico de selecção (1).

(1) Uma das preocupações mais instantes do govêrno alemão foi pôr um dique ao constante aumento da população escolar universitária. A lei de 24 de Março de 1933 procurara regular o assunto. Baseando-se nas suas disposições, o ministro do interior do Reich fixou em 15.000 o número de admissões às escolas superiores assim distribuídas: Prússia, 8.984; Baviera, 1.670; Saxónia, 1.339; Württemberg, 611; Baden, 574; Turíngia, 390; Hessen, 340; Hamburgo, 398; Mecklenburgo, 172; Oldenburgo, 122; Braunschweig, 122; Anhalt, 87; Bremen, 105; Lippe, 40; Lübeck, 34; Schaumburg-Lippe, 12. São condições de preferência não só a classificação no exame de saída mas também as demonstrações de carácter, espírito de sacrifício, afirmação da personalidade fora da escola, a actividade dos candidatos em associações nacionalistas (S. A. Hitler Jugend, Bund Deutscher

«Os governos anteriores preocuparam-se em afastar a política da escola; nós queremos dar à escola um carácter político, no sentido mais nobre da palavra: pela educação que ministra, os alunos entram na comunidade do povo e procurarão na vida servi-lo incondicionalmente.» O ministro acaba por chamar a atenção dos governos estaduais para as medidas a adoptar contra todos que incitem os alunos a actos de indisciplina, desrespeito contra a escola e professores, etc., confiando em que a juventude educada na consciência das responsabilidades saberá por si encontrar as normas da sua conduta (1).

Pelo novo govêrno, foi já criada em Berlim uma escola de altos estudos políticos (*Hochschule für Politik*) dirigida na parte política pelo Dr. José Wagner e na científica pelo Dr. F. Alfred Beck,

Mädel, etc.). Destas disposições são excluídos os estudantes estrangeiros.

Como declarou à imprensa o ministro da instrução da Saxónia, Dr. Hartnacke, dada a existência dum grande proletariado intelectual, não havia necessidade de novas admissões. Fixou-se porém o *numerus clausus* de 15.000, por não ser razoável que se paralisasse o ensino durante anos. (Vid. Paul Westhoff *Schulgestaltung und Schulverwaltung*, artigo na *Bildung u. Erziehung*, Heft 1º, Jahrgang, 1934, págs. 70-80, Pädagogischer Verlag, G. m. b. H. Düsseldorf; Dr. Hans Streit, *Die Ueberwindung der Hochschulüberfüllung in Deutschland*, in-Hochschule u. Ausland).

(1) Vid. Dr. Frick, *Kampfziel der deutschen Schule*, Langensalze, Herrmann Beyer & Söhne, 1933.

conselheiro do Ministério da Instrução (Ministerialrat im Preussischen Ministerium für Wissenschaft, Kunst und Volksbildung) (1).

(1) É o Dr. Beck autor do substancioso trabalho *Geistige Grundlagen der neuen Erziehung*, Osterwieck Harz, A. W. Zickfeldt Verlag, 1933, II Aufl., onde versa os problemas fundamentais da educação, do ponto de vista nacional-socialista. Não posso dar-lhe o relêvo devido, por só me ter chegado às mãos, depois de concluído o meu estudo. Direi, no entanto, que o pensamento fundamental da obra é definido pelo autor nos seguintes termos: «Tôdas as matérias educativas, trate-se de história, língua, antropologia, ciência militar, religião, etc., implicam o conhecimento do carácter alemão e da vida alemã, ao qual devem subordinar a sua formação e orientação. Quando o nacional-socialismo conseguir pôr em prática as suas ideas educativas, realizará então a sua missão histórica e eterna. É pela formação da personalidade nacional, do homem alemão que conseguirá a fôrça espiritual e uma estabilidade política sem condições. Surgirá assim o novo tipo do alemão eterno que em tôdas as circunstâncias, independentemente das coisas materiais, das situações económicas, sirva o Estado nacional-socialista, por ver nêle a forma, pela qual se exterioriza o destino da comunidade alemã; o alemão com as suas qualidades específicas: idealista de pensamento, servidor heróico. A história alemã do espírito viu a genialidade que revolucionou o mundo e também a tragédia que o acabou. Temos fôrça para aquela e coragem para esta. Somos um comêço:

«A aurora do novo mundo já alvoreceu; já brilham os cumes das montanhas e desponta o dia que há-de vir (Fichte)». (*Ob. cit.*, pág. 23).

A obra, de 298 páginas, consta de vários capítulos, nos quais analisa as principais correntes da pedagogia do pre-

Esse instituto tem por fim dar disciplina espiritual a todos os defensores do novo estado de coisas; compete-lhe a orientação e formação dum escol devidamente apetrechado com um cabedal de conhecimentos seguros que lhe permitam olhar com serenidade a marcha dos acontecimentos e dominá-los. A esse núcleo (*geistige Kernmannschaft*), em tôdas as tempestades da vida, pela fôrça de convicções inabaláveis e esclarecidas, estará garantido um êxito completo. Wagner defende uma reforma dos serviços universitários, no sentido de se estabelecer uma relação íntima entre a ciência e a vida real, uma comunhão da mocidade e das grandes fôrças políticas nacionais.

A ciência alemã será o instrumento que dê a todos os politicos do futuro uma educação espiritual, de modo que se torne impossível uma política em que a idea presente a todo o momento não seja a Alemanha. Aos professores do novo instituto recomenda que as suas lições sejam cuidadosamente

sente: a pedagogia experimental: Ernst Meumann; a pedagogia política: Ernst Krieck; a pedagogia cultural: Eduardo Spranger; a pedagogia social: Paulo Natorp; a pedagogia da personalidade: George Kerschensteiner; e as doutrinas dominantes da educação: as suas ideas, fins, tendências, formas, etc., concluindo que tôda a vida do espírito está condenada à ruína, tôda a obra espiritual não tem sentido, se na educação se não conservar a unidade e se na obra pessoal o valor do seu conteúdo, não fôr considerado, como a mais alta expressão do espírito formador.» (Pág. 298).

estudadas, se atenda mais à profundeza que à extensão do assunto, que a exposição seja sempre clara, se prenda ao essencial das questões; ao auditorio lembra a maior diligência e colaboração, porque só pelo trabalho pessoal se conseguirá pôr tôdas as fôrças, ao serviço do movimento (1).

Na mesma revista (págs. 43-50) no artigo *Ideen und Grundlinien einer deutschen Nationalkultur*, expõe o Dr. Beck o que se entende por uma cultura nacional. A tragédia da hora presente consiste numa idea de perfeição prejudicada pela forma do trabalho e vida dos últimos tempos, em que a especialização científica veio inutilizar e prejudicar a possibilidade de referir tôdas as actividades científicas a uma elevada idea unitária, quebrando a unidade da vida, tanto no domínio de material, como do psíquico. O pensamento nacional tem de constituir o axioma, a condição insuprível de todo o trabalho cultural. Sem consciência nacional, não há cultura. Não há valores espirituais fora da vida dum povo. O trabalho cultural tem de se fazer no mundo real dos factos. O verdadeiro sentido do movimento nacional alemão não está em alcançar a liberdade política e económica do Estado, mas em garantir a liberdade cultural, isto é, desenvolver a fôrça criadora que permite ao homem alemão ma-

(1) J. Wagner — *Die Aufgabe der Hochschule für Politik in-Hochschule für Politik der N. S. D. A. P. Ein Leitfadens*, Lehman Verlag, págs. 1-3.

nifestar sempre nas suas múltiplas realizações o pensamento eterno da raça (Deutschheit) (1).

(1) Cf. o seguinte passo do artigo de Iess no mesmo fascículo da citada revista (págs. 51-64) *Rassenkunde des deutschen Volkes*:

«Na alma do homem nórdico, tem o heróico a sua mais nobre expressão. Desde sempre, esta raça mais de que qualquer outra, se assinalou pelo sacrifício na realização dos mais altos ideais, pela sua abnegação por grandes pensamentos e fins humanitários, coragem física, valentia moral, decisão, fôrça de vontade, frio sentido da realidade, cavalheirismo, espírito de justiça. A sujeição voluntária ao chefe até à morte, foi sempre caracteristicamente nórdica. A subordinação ao actual *Führer* sentimo-la como perfeitamente alemã.»

Hitler, respondendo às acusações que com frequência se dirigem à ideologia nacional-socialista, relativamente à defesa da raça, esclarece que ela não implica menor aprêço ou consideração pelos outros povos; pelo contrário, «a compreensão do dever de conservar a integridade do nosso povo, obriga-nos a respeitar a vida e a maneira de ser dos outros.

«Defendendo fanáticamente a honra e a liberdade do povo alemão, temos de respeitar a honra e a liberdade dos outros povos. A nossa ideologia faz-nos renunciar àquela política externa que visa à conquista de povos estranhos, com o fim de os dominar ou simplesmente de os incorporar pela violência, a título de mero acréscimo numérico.»

O arrebatamento do propagandista cede o lugar ao bom senso do homem de Estado. Devo a êste respeito — e num sentido de aproximação com a França citar a comédia, *Am Himmel Europas*, Berlim, de Per u. Malina Schwenzen, cuja acção decorre em volta do seguinte tema: Um jovem francês procura compreender a Alemanha, sobretudo a sua moci-

Do exposto, se pode concluir desde já que o movimento nacional-socialista, longe de ser inimigo da cultura, como tem sido acusado pelos seus detractores, assenta num sólido corpo de doutrina; a renovação profunda no campo político estende-se ao domínio literário; a situação do homem de letras dignificou-se pelo seu sentimento profundo de solidariedade social, pela consciência da sua alta missão na vida do povo, estimulando-o nas suas virtudes, animando-o nos seus desalentos, desenvolvendo-lhe o amor da terra, da pátria, da família, da profissão, das virtudes da mulher, até mesmo o amor das plantas e dos animais; o espírito de economia, o horror ao luxo, às exterioridades, etc. A linguagem tornou-se espontânea, simples (1). O livro deixou

dade, cuja disciplina, seriedade e espírito de camaradagem teve ocasião de conhecer num campo de aviação. É preciso que a juventude dos dois países (von hüben und drüben) se entenda e lance um veu sôbre o passado, defendendo-se dos jornalistas e reporters de viagens que com as suas notícias sensacionais envenenam as relações entre os dois países (Apud *Die Neue Literatur*, fasc. 7.º, Julho, 1933, págs. 413 e 414).

(1) O dramaturgo Johst, presidente da Academia de Letras da Prússia, no prólogo ao seu drama *Der König*, referindo que todos os seus esforços têm sido no aperfeiçoamento da fala nacional, conclui: « Só o amor da língua nos revela a terra em que nascemos, a nossa pátria, o que pen-

de ser mero objecto de exploração comercial, para se converter em instrumento de cultura elevada e

samos e sentimos. A maneira de ser dum povo tem a sua expressão na língua; por êle se estabelece o contacto entre o diálogo restrito e a humanidade ilimitada. Sem êsse amor consciente, falta à humanidade corpo e fôrça, pois a língua é a corporização da alma. A alma tem de ser extraída da terra, como o ouro e tudo que é valioso.

«A minha terra chama-se Alemanha.» (In Soergel. *Dichtung und Dichter der Zeit*; Neue Folge, Leipzig, Voigtlânders-Verlag, 1927, pág. 717).

Sob alguns aspectos, o actual movimento tem certas afinidades com o romantismo. Um e outro pelo seu ideal de unidade estabeleceram a aliança de vários ramos de saber humano, puseram a sua pena ao serviço da pátria, interessando-os muito especialmente o estudo das tradições e da história nacional. Daí o incremento que hoje como então tomam os estudos históricos, de folclore, da poesia popular, da lenda, etc. Há em ambos o mesmo humanitarismo, na sua simpatia pelos animais e plantas. Pela *Weltseele*, o romântico sente-se irmão de tôdas as criaturas como parte do todo universal; no dizer de Schelling, até o mais pequeno verme que rasteja no pó, possui intelligência e amor.

Tomas Taylor escrevia em 1792, *A Vindication of the Rights of Brutes*, modelada na *Vindication of the Rights of Women* de Mary Wollstonecraft, em que preconiza a alimentação vegetariana, poupando os animais a tantas crueldades inúteis e prejudiciais, «The words I, you, thy, comenta êle, are merely marks employed to denote the different modifications of the one mind. I am but a portion of it.»

Comparem-se os versos de Will Vesper, o celebrado autor tão conhecido pelas suas narrativas históricas que definem, como êle está preso ao solo pátrio, em comunhão com a natureza que o rodeia, animal e vegetal, o que de

moral sã. As considerações expendidas que carecem de ser completadas por uma análise minuciosa

resto é característico em todos os modernos escritores de orientação nacionalista:

Allem Leben bin ich gut,
 aller Freude, allen Leiden,
 bin voll Angst, voll Uebermut,
 Gut und Böse, nicht zu scheiden,
 alles rollt in meinem Blut,
 wie die Welt, die bunte, ganze.
 Gestern Trauer, heut im Tanze!
 Alles wiegt und windet sich
 durcheinander wunderbarlich,
 und das Auge wimpernass
 lacht schon auf im Uebermass.
 Nichts, ach garnichts ist gering;
 Vogel, Blume, Schmetterling,
 alles wohnt und webt in mir,
 hoher Stern und kleine Flamme!
 Alles ist von meinem Stamme,
 wie ich selber unverderblich
 göttlich alles und unsterblich.

(Bekenntnis. Aus — *Schön ist der Sommer*. In-Sör-gel, Dichter aus deutschem Volkstum, pág. 134).

Poderiam citar-se inúmeros passos dos escritores contemporâneos, dentro da actual orientação que mostram o seu encanto pela natureza, pela paisagem; que o mesmo panteísmo são e humanitário a todos domina. Transcreverei ainda um dos mais belos *Sonetos telúricos* de Hans Franck:

DIE FRUCHT

Nun bin ich aufgenommen in den Erde-Kreis.
 Mein Bruder ist der Baum und Schwester mir die Blume.
 Ich sauge meine Säfte aus der Ackerkrume
 Und gebe mein Geäste Sturm und Regen preis.

das obras mais valiosas e características da época actual, parecem-me suficientes para demonstrar a grandeza da renovação nacional que quasi assume um carácter religioso.

Poderão discutir-se os seus processos, embora

Ich öffne meinen Kelch der Sonne in der Frühe
und schliesse mich, wenn sie sich von mir wendt, zu.
Mich weckt ein Vogellied, singt Sternenlied zur Ruh,
Und dass ich wurzle, wachse, dass ich grüne, blühe,

dass ich ich gedeihe, dass ich atme, dass ich bin,
hat Einen Ursprung, Eine Sehnsucht, Einen Sinn:
Frucht tragen, dem Gezweig gleich zur Seite mir.

Wer weiss, wie bald ich blätterlos im Winde frier?
Wie nah mir Nächte schon mit Reif und Schnee und Eis?
Frucht tragen! Frucht! Dass aufnimmt mich der ewige Kreis.

Sobre a literatura contemporânea de feição nacionalista, dá-nos Sörgel um estudo interessante e desenvolvido nos já citados *Dichter aus deutschem Volkstum*, Voigtländers Verlag, 1934. Os autores de quem se ocupa, são Rudolfo Binding, Hans Grimm, Hans Carossa, Erwin Guido Kolbenheyer, Max Mell, Hans Franck, Will Vesper, Ina Seidel, Friedrich Schnack, Hans Friedrich Blunck, Friedrich Griese.

Sörgel define-os como os modeladores do novo homem alemão, do novo povo alemão, do novo Reich: « emquanto os seus contemporâneos se compraziam numa estéril admiração pela *Paneuropa* e pela *Utopia* ou num acanhado amor próprio, friamente sem entusiasmo, estes vivem do amor do sangue, da Alemanha; não servem a humanidade, mas o alemão; a sua terra não fica indiferentemente situada em qualquer parte, mas sob o céu alemão; a sua língua, materialização da sua alma, é uma dádiva do sol materno (*ob. cit.*, pág. 12).

a meu ver só pelo conhecimento da extensão do mal se possa julgar a natureza do remédio e se me afigure que difficilmente se conseguiriam tais resultados por meios tão benignos. Deverão condemnar-se os exageros de alguns dos seus corifeus, em matéria religiosa. O que se não pode em boa verdade é deixar de afirmar que o povo alemão continua a ser *Das Volk der Dichter und Denker* e que a actual situação politica da Alemanha soube conquistar em seu favor a intelligência e a mocidade, sustentáculos imprescindíveis de qualquer remodelação social profunda que sem elles está sujeita, se não fôr destruída por um embate, mais violento ou melhor organizado, a ser desfigurada pela acção de individuos sem fé, nem ideal, capazes de converter os chamados *Estados Novos* em Estados velhos de ruim estofo.

ADITAMENTO

NOTA 1, PÁG. 43

Ricardo Müller-Freienfels caracteriza a época actual como a *época da máquina*, por ser essa a expressão mais evidente da sua maneira de ser. «O desenvolvimento industrial, no decorrer do século XIX, provocou uma mudança profunda de tôdas as condições de vida, separando radicalmente os tempos de hoje das épocas anteriores da humanidade. A máquina produziu novas formas económicas sociais e políticas; atingiu também fundamentalmente a vida do espírito. Criou-se um novo sentido do espaço e do tempo; encurtaram-se as distâncias; os telescópios e os microscópios alargaram o nosso poder de percepção; pelo jornal e por uma gigantesca produção de auxiliares didáticos, a memória, a imaginação, a inteligência foram postas em jôgo dum modo extraordinário, o que aumentou enormemente o potencial volitivo e nos levou a uma nova concepção do mundo. A velha unidade do espírito foi destruída, a especialização quebrou completamente o equilíbrio interior, a máquina que parecia criada para servir o homem, tornou-se um potentado, subjugou-lhe o espírito e converteu-o por seu turno em máquina, em autómato... Espiritualização e dispersão, hipertensão da vontade e nervosidade foram as conseqüências desta evolução radical que ainda não terminou e que com a sua mecanização ameaça destruir as formas da mais antiga cultura orgânica. Deu ao *homem-civilização* (*Zivilisationensch*) um poder enorme, mas simplesmente exterior, interiormente desequilibrou-o e arrastou-o para conflitos sérios.» (R. Müller-Freienfels, *Psychologie des deutschen Menschen und seiner Kultur*, pág. 226. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, Munchen).



ÍNDICE

	Pág.
I — Moller van den Bruck e Ernst Jünger	7
II — Spengler e Winnig.	34
III — Thomas Mann. Ernst v. Salomon	61
IV — O nacional-socialismo. Seus reflexos culturais. .	73

CORRIGENDA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
32	20	a	o
54	16	lhes	lhe
59	19	e ... de	a ... do
60	9	Heiligund	Heiligung



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329694546

BIBLIOTECA DE ALTOS ESTUDOS

VOLUMES PUBLICADOS

Sessão inaugural do Instituto de Altos Estudos	3\$00
As Duas Espanhas, por Fidelino de Figueiredo.	10\$00
Como perdemos Olivença, por Queiroz Veloso	10\$00
Filosofia do trabalho, por Bento Carqueja	2\$50
Modernas concepções da Mecânica, por Aureliano de Mira Fernandes	8\$00
Os tratados de comércio e a cláusula de nação mais favorecida, por Francisco António Correia.	5\$00
Catlogação das fixas, por Melo Simas.	4\$00
Introdução à antropobiologia, por A. A. Mendes Cor- reia	4\$00
O Capitalismo, por Bento Carqueja.	5\$00
Os Arcebispos de Braga, por Mgr. José Augusto Fer- reira	5\$00
Interpretações, por Fidelino de Figueiredo.	5\$00
Os Navios do Infante, por Quirino da Fonseca.	5\$00
A Representação Artística das Armadas da Índia, por Quirino da Fonseca	5\$00
Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu apren- dizado, por João da Silva Correia	12\$00
Lições sôbre séries, por Pedro José da Cunha	8\$00
Reformas necessárias da legislação civil e comercial por- tuguesa, por Luiz da Cunha Gonçalves	8\$50
A expressão corporal das emoções no Cancioneiro Por- tuguês da Vaticana, por Henrique de Vilhena.	8\$50
Psicologia dos negócios, por Francisco António Cor- reia.	6\$00
Léon Walras e a Economia pura, por Mosés Bensabat Amzalak.	6\$00
As matemáticas em Portugal, por F. Gomes Teixeira.	12\$00
Aspectos do nacionalismo alemão, por Gustavo Cor- deiro Ramos	8\$00
As Finanças Portuguesas de Depois-da-Guerra.	8\$00

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Depois do Terremoto, Subsídios para a história dos Bairros Ocidentais de Lisboa, por G. de Matos Sequeira, Vol. IV	60\$00
--	--------